convergência

MAI — 1992 — ANO XXVII — Nº 252

- **IGREJA, MISSÃO E RELIGIOSOS**
  Pe. José Comblin — página 214
- **UMA CATEQUESE RUMO A SANTO DOMINGO**
  Fr. Bernardo Cansi, OFMCap, e Therezinha M. L. Cruz — pág. 244

CONVERGÊNCIA
Revista da
Conferência
dos Religiosos
do Brasil: CRB

Diretor-Responsável:
Pe. Edênio Valle, SVD

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12.679/78)

Equipe de Programação:
Pe. Ático Fassini, MS
Ir. Lina Boff, SMR
Fr. Luiz Fernando Peixoto, OFM
Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

Direção, Redação, Administração:
Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4.º / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299 / 20031 RIO DE JANEIRO - RJ.

Assinaturas para 1992

Brasil, taxa única:		
terrestre ou aérea.....	Cr$	37.500,00
Exterior: marítima	US$	45,00
aérea.....	US$	60,00
Número avulso.....	Cr$	3.750,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição: Linolivro S/C Ltda., Rua Dr. Odilon Benévolo, 189 — Benfica — 20911 Rio de Janeiro, RJ.

Fotocomposição: Estúdio VM — Composições Gráficas, Ltda., Rua Escobar, 75, s. 202 — São Cristóvão — 20940 Rio de Janeiro, RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 — Centro — 25685 Petrópolis, RJ.

Nossa Capa
Detalhe do mural de Claudio Pastro '500 Anos de Evangelização do Brasil', em Vila Kostka, Itaici, SP. Eis como o descreve o Pe. J. Ramón de la Cigoña em seu livro 'Arte em Itaici', à página 10: "Século XVII. Ressalta a figura do Padre Antonio Vieira, grande orador jesuíta (1608-1697). Vieira tenta rejeitar, com a mão direita, os navios holandeses que se aproximam da costa de Salvador. Diante do Santíssimo exposto (e por mais de 15 dias!), fez belíssimos sermões entre eles aquele contra os holandeses (1640): 'Como a causa, Senhor, é mais vossa do que nossa'". Pe. Antônio Vieira nasceu em Lisboa e morreu em Salvador, BA. Teve uma larga e tumultuada experiência de vida: intensa atividade diplomática em Haia (Holanda) e Rouen (França). Vítima de intrigas políticas, é condenado pela Inquisição e encarcerado por dois anos em Lisboa. **Brilhante** em missão em Roma. Orador de fama em toda a Europa. Partidário eventual do sebastianismo, exerceu forte influência junto à corte de Dom João IV. Seus Sermões (15 volumes) são um monumento de Literatura Barroca e de Ciência Política. **Catequista,** apela para Deus. **Político** nacionalista, investe contra os hereges do Príncipe Maurício de Nassau. **Missionário,** se consagra à conversão do gentio e à luta contra a escravização do índio aldeado e instruído nos rudimentos da fé. Percorreu 600 léguas de florestas. Construiu 16 igrejas. Conseguia se expressar em sete línguas nativas, o que facilitou seu trabalho catequético. No espírito da Cruzada e da Conquista espiritual, onde o colonizador é missionário e o missionário é colonizador, a Catequese, por vezes, fica resumida assim: fazer do índio bravo um índio manso; do gentio, um cristão; do nômade, um sedentário, usando como estratégia, a violência. Na Catequese, na Evangelização, importante não é só o que já aconteceu, mas o que cada um pode ainda fazer acontecer para inculturar a fé, ou seja: discernir os valores autênticos da cultura, conhecer suas raízes, assumir o que é compatível, purificá-la, redimi-la. Lendo **Convergência,** mensalmente, em 1992, Você descobrirá esta perspectiva com relação à Vida Religiosa **(Pe. Marcos de Lima, SDB).**

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o n.º 1.714-P.209/73.

SUMÁRIO

EDITORIAL **193**

PERSPECTIVAS DOS JOVENS DIANTE DA VIDA RELIGIOSA. TESTEMUNHOS.
Irmã R. F. S. de Almeida, ASCJ
Fr. Marcial Maçaneiro, SCJ
Irmã Rita de Cássia Justo, ASCJ **200**

IGREJA, MISSÃO E RELIGIOSOS
Pe. José Comblin **214**

O CLAMOR DOS EMPOBRECIDOS CHEGARÁ A SANTO DOMINGO?
Pe. Darci Luiz Marin, SSP **227**

EDUCAÇÃO POPULAR
Marcello de C. Azevedo, SJ **233**

UMA CATEQUESE RUMO A SANTO DOMINGO
Frei Bernardo Cansi, OFMCap
Therezinha M. L. Cruz **244**

IRMÃOS LEIGOS PARA UM TEMPO NOVO
A. Torres Neiva **254**

EDITORIAL

Mais uma vez a Igreja do Brasil, através da Campanha da Fraternidade, nos propôs que centrássemos nosso interesse sobre um aspecto determinado da realidade com a qual somos chamados a estabelecer um diálogo evangelizador: JUVENTUDE, CAMINHO ABERTO. Pede-nos que descubramos, junto com toda a sociedade, uma juventude portadora de novos valores e que é sujeito privilegiado de nova evangelização numa cultura que, com freqüência, atua para extinguir os sinais mais belos desta etapa da existência. O peso da modernidade incide cada vez mais sobre os jovens, mais especificamente a valorização da subjetividade e a falta de um referencial que os situem em meio a visões de mundo fragmentadas e conflitantes, tem afastado esta vasta parcela da população brasileira de uma participação mais intensa da vida da Igreja.

É natural que, como tem sido no passado, mereça a juventude uma atenção especial da vida religiosa através do seu serviço específico de "ser memória" do Povo de Deus daquilo que possa estar esquecendo em sua relação com o real. Isto poderá ser tanto mais vivido pelas religiosas e religiosos quanto se percebe que o instrumento que é a Campanha da Fraternidade no suceder dos anos parece ter perdido parte de sua força mobilizadora junto aos cristãos. Seria bom se ajudássemos nesta divulgação e retomada do tema.

Por outro lado importa que também nós tenhamos os jovens presentes enquanto participantes da vida religiosa. Parte desta edição procura, ao contrário de falar **sobre** os jovens, criar a possibilidade de eles falarem sobre a vida religiosa e seus caminhos de adesão segundo perspectivas próprias, sonhos e expectativas. Que nós, os mais velhos neste itinerário, saibamos aproveitar o momento de contemplação dessa potencialidade generosa para nela reconhecer, na multiforme apresentação de cada momento histórico, a mesma fidelidade e o mesmo desejo de seguir o Senhor Jesus.

P. José Comblin nos ajuda, através de suas instigantes colocações, a seguir refletindo sobre a missão dos religiosos e religiosas na Igreja, tendo presente o tema da ASSEMBLÉIA DA CRB no próximo mês de julho. P. Darci Marin toma, por seu lado, a outra vertente de nossas preocupações que é a Assembléia de Santo Domingo, perguntando-se sobre o horizonte de rostos marcados pelo sofrimento cujo clamor se quer fazer sentir naquela reunião. Finalmente, p. Marcello Azevedo propõe uma reflexão so-

bre as intuições, tensões e desafios que são percebidos no quadro da Educação Popular.

Que a Mãe de todos nós, dos nossos sonhos e esperanças, Maria lembrada em nossa terra como Aparecida, nos ajude nesta sensibilização constante para os desafios que a vida religiosa vai perscrutando em seu caminhar na história.

P. Spencer Custódio Filho sj

Confirmar e revigorar o próprio "sim"

À luz do mandato missionário que Cristo nos confiou, aparecem com maior clareza o significado e a importância das Jornadas Mundiais da Juventude na Igreja. Participando nestas reuniões, os jovens pretendem confirmar e revigorar o próprio "sim" a Cristo e à sua Igreja, repetindo, com as palavras do profeta Isaías: "Eis-me aqui, enviai!", Is 6,8, *JOÃO PAULO II, Mensagem para a VII Jornada Mundial da Juventude, 1992, nº 1.*

Testemunhar a própria fé

Hoje, o mundo precisa antes de tudo de testemunhas críveis. Vós, caros jovens, que tanto amais a autenticidade nas pessoas e que, quase instintivamente, condenais todos os gêneros de hipocrisia, estais dispostos a oferecer a Cristo um testemunho límpido e sincero. Testemunhai, pois, a vossa fé, também mediante o vosso empenho no mundo. O discípulo de Cristo nunca é um observador passivo e indiferente perante os acontecimentos. Pelo contrário, sente-se responsável da transformação da realidade social, política, econômica e cultural, *JOÃO PAULO II, Mensagem para a VII Jornada Mundial da Juventude, 1992, nº 4.*

Acontecimento de grande importância

Quero dirigir um encorajamento especial aos jovens do Continente Latino-Americano, onde este ano se celebra o V Centenário da primeira evangelização. Este acontecimento, de grande importância para a Igreja inteira, é para vós ocasião de agradecer ao Senhor a fé que vos deu, e para renovar o vosso compromisso perante os desafios da nova evangelização, nas vésperas do terceiro milênio, *JOÃO PAULO II, Mensagem para a VII Jornada Mundial da Juventude, 1992, nº 5.*

ENCONTRO "TUA PALAVRA É VIDA" BELO HORIZONTE, MG 10 a 14/02/1992

"Apesar de tudo, tenho no coração uma coisa que me faz ter esperança" (Lm. 3,21).

Em sua finalidade de **promover, animar** a Vida Religiosa no Brasil, e **coordenar** as atividades que visem a este objetivo, a CRB propôs como **prioridade** para os religiosos e religiosas, no triênio 1989-1992, **"serem evangelizadores, na perspectiva dos pobres, com novo ardor, novos métodos e nova expressão, segundo a diversidade dos Carismas Congregacionais".**

Ano após ano crescem, em qualidade, as programações, visando fortalecer e solidificar a caminhada da Vida Religiosa, em sua Missão Profética que emerge do grito do pobre. Caminhar este, iluminado pela Palavra de Deus.

Com o Projeto da Formação Bíblica para os religiosos, na tentativa de aprender e reaprender a Boa Nova, num processo de conversão da própria Vida Religiosa e, assim celebrar os 500 anos de Evangelização na América Latina, a CRB Nacional promove, desde **1990, Encontros de Treinamento para** uma maior vivência da Mística do Projeto.

Neste ano de 1992, de 10 a 14 de fevereiro, o Encontro aconteceu em Belo Horizonte, MG, sob a coordenação de Frei Carlos Mesters e outros membros da equipe Bíblica Nacional. Participaram 80 religiosos provenientes das 18 regionais do Brasil.

O **tema** do Encontro foi a **LEITURA PROFÉTICA DA HISTÓRIA** (3º volume da Coleção "Tua Palavra é Vida") e tem como objetivos:

1. Descobrir o que vem a ser um PROFETA ou uma PROFETISA e resgatar a DIMENSÃO PROFÉTICA da Vida Religiosa.

2. Ter uma VISÃO GLOBAL da BÍBLIA.

3. CONHECER os PROFETAS e as PROFETISAS da Bíblia, situá-los na linha do tempo, conhecer as várias formas de profecia e os livros proféticos.

Foram dias de animação mútua, de reflexão, celebração e de esperança. Aconteceu a AVALIAÇÃO de 1991, isto é: um olhar, na ótica da fé, sobre os elementos trazidos pelas regionais, **quanto aos avanços, dificuldades, repasse** e os **compromissos novos** que foram surgindo na prática do exercício dos Roteiros da "Formação do Povo de Deus" — 2º volume. Procuramos per-

ceber dentro de tudo isso os **"clarões"** e os **"questionamentos"** que se nos apresentam quanto ao método, conteúdo e vivência. Constatamos o grande clarão da ESPERANÇA. Há uma redescoberta da Bíblia, maior conhecimento, aprofundamento, gosto e paixão pela Palavra de Deus. O que nos leva à vivência de uma oração mais encarnada, a uma maior consciência crítica, à vivência do Mistério Pascal e a perceber Deus em todos os fatos. Deus age a partir dos pequenos, aposta neles, é presença constante na dialética da vida do homem: fidelidade versus infidelidade. É um Deus que age comunitariamente. É desta certeza da presença de Deus que caminha conosco que nasce nossa esperança. Continuam também os desafios quanto à vivência da mística do método e das dificuldades que ocorrem por falta de uma visão global da Bíblia.

A partir da avaliação e expectativas do grupo, FREI CARLOS MESTERS, com sua profunda experiência de homem de Deus e do povo, retomou as **orientações práticas do método,** enfatizando que o estudo da Bíblia clareia a situação da realidade em que vivemos e nos ajuda a descobrir onde Deus fala, a enxergar as coisas de modo diferente e a ver aquilo que não víamos.

Abordamos os 23 roteiros (da "Leitura Profética da História" — 3º vol.) Frei Carlos Mesters nos fez perceber o FIO CONDUTOR DA PROFECIA que é a **experiência de Deus e a experiência do Povo de Deus,** e contextualizou mais profundamente os 5 Blocos dos Roteiros.

Ninguém consegue apagar a esperança do coração do Profeta e do coração do povo que fizeram a experiência do Deus Javé — o "Deus Conosco". Nele se entrelaçou a convicção de que, mesmo onde parece não haver mais possibilidade de mudanças, nos destroços da vida, DEUS SUSCITA E SUSTENTA A VIDA, porque Ele é o Deus da VIDA, o Deus dos pobres, o Deus Esperança. Os falsos apoios da esperança, a própria história se encarrega de eliminar.

Também nós, hoje, estamos no tempo forte da esperança. Em meio a tanto sofrimento, fruto da quebra da Aliança, somos convocados a sermos mulheres e homens PROFETAS DA ESPERANÇA, colocando na verdade de Deus o nosso absoluto, na construção do Reino de Deus nossa vida, nos acontecimentos históricos, o critério da verdade. E assim, um dia, o povo terá nos lábios a oração de louvor de Maria:

"... sua misericórdia chega aos que O temem, de geração em geração, Ele realiza proezas com seu braço, dispersa os soberbos de coração, derruba do trono os poderosos e eleva os humildes, aos famintos enche de bens, e despede os ricos de mãos vazias" (Lc. 1,50-53).

ENCONTRO MISSIONÁRIO

O 1º encontro missionário promovido pela CRB Nacional, realizou-se em Belo Horizonte, nos dias 15 e 16 de Fevereiro de 1992. Participaram do encontro assessoras das Regionais, coordenadoras de núcleos, religiosas e religiosos abertos à causa missionária. O encontro foi animado e coordenado pela equipe do GRAM (Grupo de reflexão e ação missionária) da CRB Nacional.

O tema geral foi: — Os Caminhos da Missão:

· Visão da missão antes do Concílio Vat. II.

· A prática missionária de Jesus de Nazaré e dos seus discípulos.

Os desafios da missão, hoje.

Objetivos: Retomar as motivações da missão dentro da Vida religiosa. Aprofundar o conceito de missão, a partir da caminhada histórica da missão. A missão "ad intra" e "ad extra" dentro de uma linha profética transformadora.

PRIMEIRO DIA

A acolhida feita em clima celebrativo missionário, convidou os participantes a "SAIR" do ambiente habitual para caminhar, em clima de oração, sobre os cinco continentes, representados por vários símbolos.

Iniciando os trabalhos, foi feita a apresentação de cada participante que nos fez sentir a riqueza dos carismas, suscitados pelo Espírito na Igreja. Estavam presentes 46 pessoas e 36 congregações.

Uma primeira abordagem sobre o tema foi feita pela Irmã Maria Vidale que situou historicamente os 500 anos de evangelização da A. L. e, os 2.000 anos de presença da Igreja missionária, na história. Sentiu-se a necessidade de recuperar, à luz de cada carisma, o sentido original da missão de Jesus Cristo e de fazer resplandecer o rosto de Deus, no Cristo cósmico.

Pela parte da tarde, os participantes debruçaram-se sobre a prática missionária de Jesus de Nazaré e dos seus discípulos. Diante da missão de Jesus e dos discípulos, os participantes questionaram-se profundamente, sentindo a necessidade de uma maior abertura aos gritos dos pobres e seus clamores, constatando que, a existência dos pobres é sinal evidente da quebra da aliança e do projeto de Deus. Certamente, o contato com a missão de Jesus de Nazaré fez experimentar o belo da missão e também, o seu profetismo, daí, sentiu-se a necessidade de estar mais atentos aos sinais que nos convidam e nos impelem para assumirmos com sempre maior vigor a missão total de Jesus de Nazaré. A reflexão foi orientada pela Irmã Rosa.

A Celebração Eucarística da noite, rica em símbolos e testemunhas missionários, foi o ponto alto do dia.

SEGUNDO DIA

A oração inicial convidou novamente a "SAIR", a percorrer caminhos novos, árduos, a sermos profetas em nossa realidade cotidiana.

O Padre José Pedro, apresentou a missão "ad gentes" na perspectiva bíblico-eclesial, enfocando o Batismo que caracteriza a MISSÃO e, a força transformadora do Espírito que a torna pública e testemunhal. A reflexão levou a descobrir novos desafios da missão, hoje.

Pela parte da tarde houve esclarecimentos, encaminhamentos, compromisso e avaliação. Os compromissos foram resumidos pelos grupos em forma de orações, através de frases, como:

CORAGEM: Ele está conosco.

Seremos testemunhas missionárias, na Regional, na Congregação.

Queremos despertar para o compromisso missionário, na formação.

É preciso caminhar...

Queremos cultivar a mística missionária, no trabalho de conjunto.

Ecos das avaliações:

Pergunta: ao terminar este encontro missionário a que conclusões práticas você chegou?

* A experiência foi ótima, mas é preciso fazer chegar o eco do encontro nas nossas congregações, acordar, assumir os gritos dos irmãos empobrecidos e dar o passo, com coragem.

* As motivações da missão dentro da Vida religiosa devem ser retomados, aprofundados e assumidos diante dos desafios da missão, com empenho e coragem.

* Percebo que a perspectiva missionária é que mantém o vigor da missão da Vida religiosa dos nossos Institutos. Viver o espírito e a prática de "saída" missionária enriqueceria muito as nossas congregações.

* É na missão diária que nos abrimos para missão além fronteira.

* É urgente a (dimensão missionária) dinamização da Vida religiosa no que tange à dimensão missionária.

* Devemos passar do receber ao dar; a Vida religiosa da A. L., tem muito para dar aos outros países.

* Nossas congregações precisam de um impulso maior para a Vida missionária.

* O assunto missão é uma riqueza a ser explorada, sobretudo neste ano.

* A missão é algo que está dentro da gente, mas precisamos sempre de motivação, de impulso. O testemunho missionário é muito importante na vida da gente.

* Precisamos encarar a atual realidade, com maior pique missionário.

* Precisamos rever a nossa missionariedade pessoal, comunitária e de congregação, pois é para missão que fomos chamados e enviados.

* Temos que aprofundar pessoal e regionalmente o sentido da missão, procurando envolver as irmãs que já estão trabalhando em áreas missionárias.

* Renovei-me no ardor missionário. Deus está agindo através dos apelos missionários.

* Foi um encontro que despertou, animou e incentivou para estarmos atentos aos novos desafios e termos a coragem de assumi-los.

* O que realizamos foi muito bom, mas é preciso não deixar morrer a semente lançada; é preciso dar continuidade a este encontro, sobretudo dar vida aos compromissos assumidos.

* O que aconteceu no encontro foi do Espírito Santo e foi além das nossas expectativas.

Os participantes valorizaram muito o desempenho do GRAM e, entre as sugestões, apareceu como constante: promover outros encontros desse tipo para despertar na Vida Religiosa maior interesse e amor pela causa missionária e, assumi-la como própria.

O GRAM da CRB Nacional pede às Congregações religiosas que apóiem e colaborem com as Regionais da CRB

para que a proposta de uma Vida religiosa toda missionária se torne, de fato, realidade.

O GRAM, enquanto agradece a Deus por este encontro missionário, quer agradecer também, a todos aqueles que colaboraram para que ele acontecesse, desejando realmente que o clima fraterno que nasceu em Belo Horizonte seja força e luz na missão do dia-a-dia de cada um.

Irmã Rosa Mareschi mc
Assessora da Diretoria
Setor Missionário

II ENCONTRO INTER-REGIONAL DE FORMADORES(AS)

Dando continuidade à programação conjunta das Regionais de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo, agora também com a participação da recém-criada Regional de Vitória, realizou-se o II Encontro de Formadores(as), de 5 a 8 de março, com 116 formadores de 96 congregações diferentes.

O tema do Encontro foi MODERNIDADE E ESPIRITUALIDADE, muito bem trabalhado pelo assessor P. Spencer Custódio Filho sj. A metodologia adotada foi a da participação e da construção do encontro, numa troca constante e crescente entre formadores(as) e assessor, situando, descrevendo e interrogando-se sobre a Modernidade como um fenômeno transcultural, ocidental, que mais e mais se universaliza, constituindo-se no maior desafio que o Cristianismo talvez enfrentou em toda sua história.

Aspectos trabalhados durante o encontro:

I. O Choque da Modernidade.

II. Traços da Modernidade: secularização, deliberação, indivíduo.

III. Modernidade e Espiritualidade: a religião na modernidade, o estatuto do espiritual na modernidade e condições de possibilidade do espiritual numa sociedade de modernidade.

IV. Modernidade e Vida religiosa: analisada sobre o tríplice aspecto da secularização, da deliberação e do indivíduo.

V. Modernidade e Formação, destacando a experiência do Deus de Jesus, a experiência do chamado à V. Religiosa, e a experiência do envio em missão como membro de uma congregação ou ordem.

Em uma breve notícia como esta é impossível relatar toda a riqueza de conteúdos adquiridos neste encontro, o que suscita a necessidade de se colocar em prática uma nova maneira de formar para a VR, onde as experiências fundantes sejam vivenciadas e, ainda mais, as **simbolizantes** do cristianismo — relação de filiação e de fraternidade — sejam de fato **simbolizadas no real** da vida e da história.

Agradecemos ao P. Spencer que mesmo se desdobrando para acompanhar sua mãe enferma, deu-nos o testemunho da serena confiança na bondade de Deus.

Agradecemos também à Regional de São Paulo que nos acolheu carinhosamente para o encontro.

Ir. Magda Brasileiro, FH

PERSPECTIVAS DOS JOVENS DIANTE DA VIDA RELIGIOSA. TESTEMUNHOS

I. O PREÇO DO AMOR

Irmã Rosângela F. S. de Almeida, ASCJ
Juniora — São Paulo, SP

Ela não passava de uma fase da vida, mas me ensinou muito sobre coragem e perseverança.

Se ao menos eu pudesse impedir que essas idéias me assaltassem, seria meio caminho andado.

— Uma boa religiosa deve aceitar a vida como vem — comecei, invocando assim uma das máximas do meu até então Projeto de Vida, que me proibia de dar espaço a pensamentos que poderiam vir a abalar a grande fortaleza, na qual depositara o Sagrado e tudo o que se referia a ele e à opção que eu fizera. Isso incluía a espontaneidade, a vivacidade, a transparência, a sintonia com o momento presente, o senso crítico, porque uma vez presentes em mim mesma, reclamariam seus direitos.

— Mas é impossível viver assim! — protestou o meu íntimo muitas vezes.

— Está bom, então podem entrar. mas sair em forma de palavras, não — sugeri.

Bem lá dentro fiz cara feia, porém achei a designação magnífica para algo que eu esperava que acabasse sumindo pelo ralo como qualquer espuma de sabão.

Só que minha estratégia da não-verbalização revelou-se um melancólico fracasso. Muito antes que eu esperasse, já havia deixado que ele falasse a linguagem velada do rigorismo agressivo, ainda que mudo. Sem eu perceber, um gosto amargo começou a penetrar "feio" no meu entusiasmo, nas minhas perspectivas de vida, nos meus projetos. Sempre silencioso, tornou-se algo tão irremovível como a "convicção" que o gerou.

Tudo isso poderia ter sido evitado, eu lamentava, se jamais tivesse estudado, se não gostasse tanto de ler,

se não desse tanto espaço à reflexão em minha vida. Mas, agora, isso já faz parte de mim mesma. Como recomeçar tudo de novo? E depois, valeria a pena abrir mão de tudo isso em nome da ignorância? E antes que eu pudesse me prevenir, apontou nos horizontes do meu ideal a nuvem espessa e escura da dúvida: Eu não estaria enganada? Seria válido mesmo arriscar minha juventude por um projeto, um ideal que estava me levando à morte?

Só me toquei que um exército acampara em torno das muralhas da minha fortaleza, quando fui enviada a uma outra cidade, a fim de participar de um curso, ao lado de numerosas jovens religiosas. Pensei que ali resolveria finalmente toda aquela situação indesejável, da qual já não tinha idéia de como me sair. Provavelmente o conteúdo que receberia ali iria implodir em segundos aquilo que eu já considerava fruto da minha infidelidade. Mas não foi bem assim...

— E eu que achava que essa era a única forma de agradar a Deus... — resmunguei meio confusa.

Como a coisa não havia se resolvido, lá pelo segundo mês comecei a dar o braço a torcer e observar que talvez existisse uma outra forma de *viver* para Deus. Indaguei a opinião de pessoas experientes sobre o assunto, e até mesmo a de algumas companheiras. Lancei-me na aventura de procurar os frutos dessa outra postura. Enfim, restou-me só verificar que um grande obstáculo bloqueava a comunicação do meu interior com a Vida, o que poderia ser fatal para mim. Passei muito tempo retorcendo as mãos e repassando todas as máximas do meu projeto de vida, na esperança de reencontrar a paz, sem mudanças. Só mais tarde me convenci de que isso seria impossível.

— Cuidado — eu dizia a mim mesma —, veja bem aonde vai parar.

Eu me contemplava como a um bichinho, fraca e assustada, sem saber por que lado da fortaleza penetrar. Não me dava conta de que já estava lá dentro.

— Como será depois? O que restará de tudo isso?!

Quando criança, eu admirava a uniformidade das religiosas. Na catequese, sentia uma enorme alegria ao ver chegar aquele grupo de irmãs, todas de branquinho, todas sorridentes, todas iguaizinhas... Mas era uma admiração à distância. No fundo sentia medo daquela gente estranha, diferente dos meus pais, tios, tias e professoras. Muitas vezes cheguei a confundir o seu gênero de vida com a dos ciganos, e o medo aumentava, porque meu pai contava que eles roubavam crianças.

Na adolescência, o mistério ocupou o espaço do medo. E para resolvê-lo, procurei logo eleger a curiosidade para me ajudar nessa empresa de desvendar o desconhecido que desde a infância me atormentava. Embora fisicamente próxima, tratei logo de erguer um muro que me protegesse de qualquer

investida, por parte daquele gênero de vida, que no fundo, no fundo, me atraía, mas me assustava.

E não havia qualquer dúvida quanto à genuinidade daquela atração. Ela não me deixava em paz, embora ao admiti-la nenhuma paz se comparasse àquela que experimentava. Veio o tempo da fuga, da camuflagem, mas a atração permanecia viva e atuante, numa eclética mistura de ideal, fé e desejo de me doar a um bem maior.

— Por que será que sou diferente das minhas colegas? — perguntei muitas vezes aos meus pais.

— Para nós você é uma jovem como todas elas — responderam eles, admirativa, admirativamente demais.

— Só espero que seja assim mesmo como vocês pensam — disse eu um pouco cética e um pouco motivada por aquela santa atração.

Eu bem que podia ter ficado calada. A partir de então, eles começaram a reforçar a opinião que haviam expresso, destacando, sempre, que tudo dependia das minhas, só das minhas escolhas. Não nego que até certo ponto estivessem certos, embora não tivessem ainda atingido a totalidade daquela situação. Quando chegou a época da opção pelo gênero de vida que daria rumo a todas as minhas futuras opções, percebi que a tal tese tinha suas razões. Ou eles. Mas antes disso, tentava ignorá-la.

— Não me agrada ver você tão amiga das irmãs do colégio. Na sua idade, seria melhor colegas da sua idade — fazia notar minha mãe.

Eu grunhia evasiva. E quando ela exaltava o relacionamento *jovem* das filhas de suas amigas, das minhas primas e vizinhas, gabando as suas aventuras, eu me escondia atrás dos livros ou do jornal.

Mas não podia negar uma coisa: eu tinha minhas amigas, mas com elas eu não conseguia partilhar aquela aventura maior que me levava a querer apostar a minha juventude por ela. Embora o muro de proteção ainda estivesse erguido, eu já estava bastante à vontade, frente ao hábito de me debruçar sobre ele, para poder me aproximar mais daquele estilo de vida que me incendiava. O silêncio, a oração, embora sem método algum, a busca de leituras sobre o assunto e tudo o que me aproximava do sagrado era o meu alvo. E as irmãs percebiam, mas me respeitavam. Talvez, também, por causa do muro.

Minha leitura, porém, daquele estilo de vida, me dizia que eu sofreria muito se viesse a abraçá-lo. Era mais ou menos como trocar a condição humana pela de um anjo. Algo semelhante. Eu teria que mudar.

Sem jamais expressar a tal convicção sobre a minha mudança radical, pus todo o meu potencial em ação para comprovar a autenticidade daquele apelo que sentia: a inteligência, a capacidade de observação, o senso avaliativo e, quem sabe, os meus seis sentidos femininos. Uma vez ou outra me esqueci

e... falei com entusiasmo sobre o assunto na hora da refeição.

Até que, depois de muitos pontos a ponderar, vi que chegava a hora da decisão: derrubei o muro de separação e deixei livre o terreno para o que desse e viesse. Livre como até então eu concebia. Senti-me aliviada ao ver os resultados: entusiasmo total. Mas, nem uma semana mais tarde o panorama se agravou.

— Preciso começar a ser como as religiosas. Assim como sou, não dá — disse a mim mesma, quase como se estivesse fazendo um juramento.

Comecei a construção de um outro muro. Bem mais alto. Ao perceber com que material eu o construiria, certa vez me deixei cair numa cadeira.

— Não há muito escolha — comentei. — Quero ser só de Deus e não é justo que o seja pensando, raciocinando tanto.

Nesse ponto, comecei a me policiar, sempre como se estivesse num salão de espelhos. Precisava ensaiar bem, pois na hora de pôr em prática seria mais fácil. Não preciso dizer que logo todos perceberam.

— Para servir a Deus não é preciso que nos transformemos num extra-terreno — protestou meu pai.

Tentando ganhar tempo, eu disse para ele:

— É só um treino. Logo, logo eu paro com isso.

Mas nunca abri mão dessa exigência. Empreguei material de primeiríssima qualidade na construção desse muro: minha espontaneidade. Não nego que desde o início tive que discutir o assunto comigo mesma.

— Vai ser duro, para mim, abrir mão do meu modo de ser — observava.

— Sobretudo quando tiver que ser sempre igualzinha as outras — repliquei algumas vezes. — Sempre defendi meus direitos na família, no colégio e no trabalho.

E aí enveredei por alguns anos por esse perigoso caminho, que me levou, sem dúvida ao erguimento daquela fortaleza imensa, dentro da qual defendi sempre o Sagrado como valor primeiro da minha vida.

— Se sair dessa dinâmica, serei infiel — protestei muitas vezes, para reparar qualquer tentativa do senso crítico de se manifestar.

Rezei a Deus com todo o fervor para que Ele me tirasse daquela confusão, mas vi que piorava sempre mais.

Uma tarde, durante o intervalo das aulas, observei atentamente uma companheira mais ou menos da minha idade. Ela conversava animadamente, sorria e ouvia os colegas que participavam daquele encontro, com uma simplicidade e transparência que me impressionaram verdadeiramente: seus valores afloravam exatamente da sua espontaneidade. Ela se revelava *de*

Deus, permanecendo humana, jovem, alegre, ela mesma.

— Era assim que eu gostaria de ser — eu me disse, animadamente. Depois me desfiz em lágrimas e me pus a confrontar-me com aquele exemplo. Não sei quanto tempo solucei, mas, a certa altura, percebi que uma luz se acendera no fundo do túnel. Recordo-me somente do como me confortou saber que aquilo também era possível para mim, sem que para isso eu tivesse que responder um *não* a Deus.

Entre um limpar de olhos e um soluço, eu me propus:

— Nunca mais quero ser um extra-terreno. A gente sofre muito quando se mata aos pouquinhos.

— Você tem razão sobre isso — me respondeu meu coração (era certamente o Cristo, muito contente. que estava ali) —, mas o sofrimento é o preço do amor.

No dia seguinte, depois de uma animada conversa com os companheiros do curso, sem lhes dizer explicitamente o que aprendera no nosso encontro da véspera, concordei em sair daquela prisão que eu mesma construíra.

— Jesus Cristo viveu a plena liberdade na sua missão entre nós; aprenda com Ele esse segredo — disse-me uma pessoa já experimentada na vida, quando confrontei o meu novo projeto com ela —, você vai se recuperar depressa.

E assim foi. Como por milagre.

Se eu precisasse de alguma prova de que o Senhor aprovaria o fato de eu voltar a ser eu mesma, tive-a depois de poucos dias. Eu não precisava mais de tantas palavras para *anunciar a razão da minha esperança*, um sorriso espontâneo e muitas vezes até involuntário a denunciava. Ouvi isso de muitos pessoas a partir de então.

Sem demora, reformulei muitas de minhas atitudes estudadas, dei aposentadoria sem vencimentos a muitas censuras e proibições que me impusera e percebi que um grande espaço se abriu, onde o relacionamento com Cristo se instalou pouco a pouco, de modo sempre mais atraente, substituindo a amargura da austeridade pela simplicidade de um sério compromisso com Ele e com o Seu Reino.

Sem demora, voltei a ter disposição para estar com todos, sem a preocupação do que lhes daria nesses encontros. Tenho a certeza de que *foi o Senhor que começou a falar por si mesmo, a partir daí.* Constatei verdadeiramente que era apenas chamada a ser um instrumento do amor de Deus, e que isso eu não faria por mim mesma, pois "o discípulo não é mais do que o mestre, o servidor não é mais do que o seu senhor" (Mt 10,24).

Tais experiências me levaram a inventar um novo ritmo para o caminhar, o que me deu sempre mais força e estabilidade.

O entusiasmo e a energia não afrouxaram.

— A melhor coisa do mundo é sentir-se jovem — acabei dizendo certo dia a uma companheira desanimada. — Mas por muito tempo desejei queimar etapas para chegar logo à idade madura, pois ser jovem para mim era um defeito.

Mas nem todo mundo me via assim, de uma forma positiva. Eu criara e passara, durante alguns anos, uma imagem austera, onde tudo era medido e pesado, conforme as normas do figurino. Por isso, algumas pessoas acostumadas a isso reagiam como se eu tivesse *deixado de ser eu mesma*, como se estivesse sendo influenciada por alguém ou por algum grupo.

— Cuidado — advertiu alguém —, foi assim que muitas se perderam no caminho!

Ri muitas vezes com meus botões, perguntando-me se na verdade eu não estivera, todo aquele tempo perdida, enquanto não me encaminhava para a Vida em plenitude.

A oração constante e o desejo de conhecer sempre mais intimamente Jesus Cristo, foram a verdadeira senda, dando-me a cada dia uma lição de coragem, demonstrando-me o que significa tirar o maior partido daquilo que se tem.

E creio ainda provavelmente poder continuar a viver com intensidade o cativante projeto de *deixar Jesus Cristo falar por si mesmo* através da minha juventude, da minha pessoa, de todo o potencial que Ele mesmo me conferiu para isso. Esta é agora a perspectiva que consigo visualizar para a minha Vida Religiosa e para a de todos os meus companheiros de missão.

Uma noite dessas, porém, senti um grande medo. E o sinto até agora, se bem que ele já não consiga me paralizar como naquele dia, talvez por falta de fé e confiança em Deus e na sua presença e ação entre nós. Sinto medo de ser mais uma entre os milhões e milhões de pessoas que passaram e passam por este mundo sem jamais compreenderem verdadeiramente quem foi Jesus Cristo. Isso sem falar dos poucos que conseguiram, em suas vidas, praticar sinceramente o seu projeto.

Fico ansiosa frente às inúmeras interpretações e distorções que ainda hoje são feitas das Suas palavras. Temo o processo de esvaziamento a que são submetidas, levando-as a significar tudo, qualquer coisa ou mesmo nada.

Fico inquieta ao ver gente, muitas vezes religiosa, que usa o nome de Jesus para assustar crianças, justificar crimes e até mesmo para, como aconteceu comigo, tolher a espontaneidade, a vida que é dom de Deus, em nome de um suposto espírito religioso, baseado sabe-se lá em quê.

Temo somente isso, mas temo mesmo. Creio que seja um perigo para todos nós que aceitamos o convite de vestir a camisa do Cristo e sair por esse mundo a anunciar a *boa nova* a todos os povos.

Mas se temo, também confio Nele, que prometeu *estar conosco até*

o final dos tempos. O Paráclito há de nos ensinar a honrá-lo por aquilo que Ele verdadeiramente significou e não pelos significados que lhe fomos dando no decorrer dos séculos.

— Valeu a experiência! — disse a mim mesma outro dia, diante do espelho, ao despertar de manhãzinha.

Meus olhos se encontraram com o seu próprio brilho, expressão da juventude, da vontade de viver, e de viver por uma causa válida. Voltou nessa hora o medo da incoerência, o medo de viver a grande ironia, que é a de pregar, em nome de Cristo, exatamente aquilo que Ele repudiou veementemente na sua época.

Na minha oração daquele dia, encontrei a resposta para essa ansiedade, para esse medo.

— Já passei por muitos desafios até agora — disse eu a Jesus —, mas este é uma coisa especial.

— É sim — respondeu Ele, de maneira original.

— Pode crer que vibro com ele, Jesus.

Ele não respondeu. Nessa hora, senti mais uma vez, vontade de esfregar os olhos e não pude conter um soluço sentido. Olhei para Ele e falei:

— Só tenho certeza de uma coisa — tive que dizer entre lágrimas. — Não quero viver senão para esse desafio. Ele custa, mas não passará o que eu viver nessa perspectiva.

— Eu sei — respondeu-me. Depois me fez pousar os olhos sobre as suas palavras, na Bíblia que eu tinha aberta sobre as mãos: "Sereis odiados de todos por causa de meu nome; mas aquele que perseverar até o fim, será salvo" (Mt 10,22).

E foi então que acrescentei num tom de voz estranho e com palavras que não pareciam minhas:

— Mas é esse o preço do amor.

Não disse isso sem que os soluços voltassem a me assaltar e foi impossível mesmo contê-los. Dei-me a oportunidade de chorar naquela companhia. Com as minhas lágrimas fi-Lo saber — como noutro tempo não soubera formular tão bem — que o meu *Projeto de Vida* agora era *Ele.*

II. HOMENS E MULHERES VESTIDOS DE RESSURREIÇÃO

Fr. Marcial Maçaneiro, SCJ
Estudante de Teologia — Taubaté, SP

1. Carisma: a vida que flui na história

O carisma de uma congregação é como um rio: nasce da fonte criativa do Espírito, assume os contornos de uma experiência fundante, abre caminhos novos, e faz do deserto humano um jardim onde a vida pode desabrochar. Por isso todo carisma é sempre um dom e uma tarefa. Implica ainda uma dupla fi-

delidade: à fonte (Deus) e ao deserto (a história humana, que nasceu como jardim e com vocação de jardim). Na verdade, é um modo particular de Deus se fazer presente: assim como outrora Javé conduziu o povo eleito para ser luz entre as nações, hoje ele proclama seu senhorio sobre nossas comunidades e nos envia a fazer deste mundo um jardim. Os carismas, na sua diversidade, tocam um mesmo sonho: o Reino é possível e começa aqui e agora. Começa aqui (na escola, na paróquia, no hospital, na favela ou nas esquinas...); e agora: qualquer infidelidade provoca o atraso do Reino.

Quando vejo meus confrades se reunindo, dialogando em Capítulos, fico feliz. Pois sinto que nossas comunidades são comunidades vivas. Elas se movem. Fazem o carisma do Fundador correr livre na história, por entre a margem de Deus e do povo. Pessoalmente reconheço alguns atrasos: o rio corre muito lento às vezes. Mas me alegro por vê-lo agitar-se, ainda com algumas pedras.

Por isso, a fidelidade ao carisma deve ser dinâmica. Sempre atenta às necessidades do povo, bem como aos riscos do poder: nenhum superior e nenhum bispo tem o direito de prender o carisma como as águas de uma represa. Neste sentido, a autonomia de uma congregação deve ser preservada, sem com isso anular sua eclesialidade. Antes obedecer ao sopro imprevisível do Espírito, que fazer do nosso carisma uma reserva estagnada nesta ou naquela atividade. Não: carisma não é represa. É água em curso. É missão.

2. Místicos e profetas

Sempre gostei de teologia. Quando criança eu pensava em ser padre, não para celebrar missas, mas para estudar teologia. Hoje sou estudante de teologia. Mas sinto saudades de quando era noviço. Não confundo fé verdadeira com fé ingênua. Reconheço, porém, que o divórcio entre Teologia e Mística (típico do Ocidente) atinge também a nós religiosos. Apesar dos livros e reflexões, de tanto a fé procurar inteligência; acabou-se cansando. A *fides quaerens intellectum* exige uma inteligência a serviço do mistério. Está na hora de deixar alguns livros, pegar a caneta, e ir à capela. A vida religiosa só foi fiel ao "quefazer" teológico quando fiel à experiência de Deus. Sinto isso depois de um dia cheio de pastoral: palestras, cursos, assessorias. Um dia cansativo. A gente volta fatigado para casa, e diz, como o povo em Ezequiel 37,11: "meus ossos estão secos e minha esperança ficou enfraquecida". É hora de rezar. De fazer uma teologia de joelhos.

Neste sentido, vejo a vida religiosa como um lugar teológico privilegiado. Seja pela riqueza do carisma, pela convivência, pela missão ou contato pastoral. Neste cadinho de experiências a graça purifica nossas vidas e faz de nós sacramento de Deus: existe teologia mais profética que esta? Melhor: onde

erramos quando o povo não nos vê como profetas, mas insignificantes caniços agitados? Muitos ventos nos agitam, mas nem todos são do Espírito (cf. Mt 11,7-9).

Confio na vida religiosa. Muito mais porque Deus nos chamou. A vocação é graça. Não depende só de nós. Mas a tarefa de unir mística e teologia ainda não está concluída. Antes de sermos especialistas devemos ser comunidade orante. Temos a missão de encarnar o Cristo-que-reza para proclamar o Cristo-palavra. Recuperar em nossa vida e em nossas comunidades os momentos fortes de oração é, a meu ver, uma necessidade e uma esperança. Só assim nós religiosos seremos fiéis à pastoral e ao ministério teológico típicos de um seguimento radical do Senhor.

3. Homens e mulheres vestidos de ressurreição

Em Jo 20,19-23 o Cristo transpassado e ressuscitado aparece aos discípulos e lhes presenteia com cinco dons: a paz, a alegria, a missão, o Espírito Vivificante, o perdão que reconcilia. Resumindo: esses cinco dons são na verdade um só — o próprio Senhor, ressuscitado e presente. Jesus ressuscita, e re-suscita também os discípulos. De homens e mulheres medrosos, ele faz apóstolos corajosos. Este trecho de João é um pentecostes antecipado.

Nossas comunidades merecem os mesmos dons. Digo "merecem", porque foi para isto que o Senhor nos reuniu: para vivermos na alegria, reconciliados, a serviço do evangelho entre os outros. Eis — como se costuma repetir — a melhor "propaganda vocacional". Não é só: o futuro da vida religiosa depende muito de nossas atitudes. Não fomos chamados a viver modelos mofos, em comunidades fechadas pelo medo dos riscos. Deveríamos ser homens e mulheres novos, revestidos de ressurreição. Na pastoral, na comunidade, mesmo durante as crises, a experiência mostra que a vida é mais teimosa que o desânimo e as tristezas.

Vestir-se de ressurreição é re-suscitar a cada dia o sonho de quando éramos noviços. É re-suscitar a fé das crianças, a adesão alegre ao Senhor, o amor desinteressado e a gratuidade. Virtudes possíveis, às vezes amarradas pelos nossos medos, pelo fechamento, e pela falta de diálogo que faz de nosso convento um hotel de solteirões!

Creio na vida religiosa re-suscitada. Na vida religiosa sonhada a cada manhã. E para fazer desse sonho um fato deveríamos investir mais e muito mais: dinâmicas, revisão da formação e modelos institucionais, a liturgia e os estilos de missão. É preciso sair dos túmulos, como fez Lázaro. Com pessoas alegres, afetivamente saudáveis e disposta, Deus poderá fazer mais e melhor pelo seu Reino, que também é nosso.

4. Comunidades em êxodo

O êxodo de Israel começou com o êxodo do próprio Deus: o Pai que

deixa as alturas e desce para libertar seu povo; o Filho que assume o projeto do Pai e se encarna no tempo dos homens; e o Espírito que se desinstala, deixa o seio de Deus e se põe a soprar onde quer. Sempre que Israel prendia seu Deus no templo, surgiam profetas que pregavam um novo êxodo e uma nova aliança. Jesus veio para devolver Deus ao povo, e o povo a Deus: libertou Deus do santo dos santos, trouxe Deus para junto das pessoas. Finalmente, o Deus do Deserto podia fazer êxodo com o povo, lado a lado, pegada sobre pegada!

A Igreja, que se diz peregrina, sabe que nasceu do êxodo da Trindade. É da missão do Pai, do Filho e do Espírito Santo que vem a missão da Igreja. E quando a Igreja repete o erro de Israel, estagnando na pedra dura das instituições, o mundo clama por profetas. É aqui que entra a vida religiosa: para mim, a vida religiosa é aquele lugar onde o Espírito sopra qual um subversivo. É aquele lugar onde toda a Igreja deve pôr-se a caminho, em êxodo. Se hoje nossas dioceses e organizações parecem fracas, talvez precisem caminhar. Afinal, o Vaticano II só existiu porque o Vaticano I foi provisório. Já pensamos num Vaticano III? Ou nossa vida religiosa acabou fazendo o jogo fixo do templo, deixando de lado o deserto e construindo colunas de pedra?

Sem êxodo a Igreja morre, tal qual o rebanho que se nega a sair do redil e sucumbe sem pasto e sem água fresca. Tenho esperanças. Creio que os religiosos podem provocar êxodo. Podem transformar estruturas e sugerir modelos renovados de missão. Modelos capazes de levar o evangelho lá onde ele ainda não chegou. Mesmo dentro da Igreja...

5. Uma VR menos clerical e mais criativa

A vida religiosa nasceu leiga. Encontrou em Antão sua primeira expressão histórica. Até hoje nossos votos são "conselhos evangélicos" e não desdobramento do sacramento da ordem. No fundo, somos batizados que se consagram de forma mais radical. Como diz o Concílio, esta consagração, por si mesma, já é missão. Por isso eu não confundo vida religiosa e vida clerical, mesmo vivendo num instituto religioso clerical. Sinto-me chamado a viver à margem do poder: seja do poder político do mundo, seja do poder típico da estrutura hierárquica. E acredito que este mesmo poder hierárquico, bem compreendido, é sempre dom do Espírito a serviço da Igreja, povo de Deus.

Quero apenas recordar que é preciso re-descobrir o específico religioso em cada congregação. O ministério presbiteral não pode condicionar a vida religiosa a ponto de sufocá-la. E isso é visível em alguns modelos de formação: quais congregações clericais concedem ao "irmão-leigo" um currículo idêntico ao "irmão-clérigo"? Quantas vocações à vida consagrada não-presbiteral vemos hoje acolhidas? Por que elas são poucas?...

Certa vez, quando explicava a uma catequista que eu sentia às vezes o desejo de ser apenas religioso, ela me perguntou: "Como? Então você vai ser *só* irmão?" — Eu respondi: "Sim, assim como o padre é *só* padre, e você é *só* leiga!" Ela se chocou e eu continuei: se a gente avaliar tudo pelo "só", nunca seremos nada. Acontece que muitos espaços pastorais são inatingíveis para nossas paróquias. Existem campos de missão, desertos, onde o sacerdote não entra. As paróquias — gostemos ou não — evangelizam quem vem à Igreja. Por outro lado, a vida religiosa é chamada a ir onde o povo está. Enquanto o padre fala aos jovens na missa, uma irmã pode ir ao shopping, à faculdade ou aos cursinhos de vestibular. Creio que nós religiosos possuímos uma eclesialidade que vai além das paróquias. Também para as pastorais convencionais exige-se vocação. Mas sem sufocar o "novo" que está no bojo de cada jovem religioso.

A falta de solidariedade, a destruição da natureza e a falência de certas instituições semeiam a morte e a exclusão. A vida sofre ameaças diversas. Sobretudo agora, com a onda do capitalismo triunfante. Não foi por acaso que a CNBB colocou, no objetivo da ação pastoral, a frase: "participar da construção de uma sociedade justa e solidária, a serviço da vida e da esperança".

Os anseios do povo, como defesa do meio ambiente, promoção dos direitos humanos, solidariedade para com os excluídos, pedem de nós uma presença ativa. A crise das ideologias aponta para nós religiosos como profetas da utopia do Reino: uma utopia nova, original, capaz de superar a aridez dos velhos modelos.

Neste sentido a opção pelos pobres assume contornos de uma nova diaconia: a diaconia da vida. Não precisamos temer a queda desta ou daquela teologia, porque a vida é uma opção evangélica. Nenhuma racionalidade pode desfazer a opção de Jesus pelos humildes e pobres da sociedade.

A opção dos religiosos pelos pobres e pequenos pode sofrer incompreensões. Mas torna a Igreja mais autêntica. Dá credibilidade ao anúncio de um novo céu e nova terra. É a serviço deste "novo" que atrai. salva e vivifica que fomos enviados.

III. JUVENTUDE, CAMINHO ABERTO

Irmã Rita de Cássia Justo, ASCJ
Juniora — São Paulo, SP

Tendo como ponto de partida o tema da Campanha da Fraternidade deste ano, "juventude — caminho aberto", comecei a refletir sobre a Vida Religiosa hoje. Será este modo de vida um caminho aberto que conduz à Fonte da Vida, que é Jesus Cristo? Como se sentem aqueles jovens que por causa Dele opta-

ram pela Pobreza, Obediência e Castidade?

É interessante perceber as transformações que ocorrem em nossa maneira de pensar, sentir e ser, ao longo de nossa vida. Muitas "verdades" às quais nos apegávamos hoje vemos que não passam de fantasias infantis ou sonhos de adolescente; muitas pessoas que para nós eram ídolos são agora alvo de crítica e questionamentos. Muitos desejos foram-se perdendo ao longo do caminho, pois o objetivo para o qual se voltavam, já não satisfazia mais.

Dentro deste processo de transformação, pelo qual passamos, incluímos a Vida Religiosa, pois ela também foi pensada, sentida e questionada em nossos corações, que muitas vezes se mostraram infantis e imaturos, diante desta opção de vida.

Quando criança, eu por exemplo, me sentia muito atraída pela figura das irmãs. Na adolescência, a Vida Religiosa passou a ser para mim fonte de curiosidade e questionamento pessoal: "Por que não ser irmã?" — eu pensava que abraçar a Vida Religiosa era viver exclusivamente para Deus, ser Dele com todo o meu ser, desligando-me totalmente das ocupações do mundo para voltar-me inteiramente para as coisas do Pai.

O que eu não conseguia perceber, então, era que nesta concepção de Vida Religiosa que eu tinha, o meu lado humano tenderia a desaparecer, na suposição de que Deus ocuparia todo o meu ser.

Hoje, após alguns anos de caminhada, dentro de uma congregação, percebo que minhas idéias sobre a Vida Religiosa modificaram-se bastante. Ela não é aquele estado *mágico* de vida onde as pessoas entram e se tornam automaticamente realizadas, dando total prioridade ao divino, em detrimento das nossas características humanas.

A Vida Religiosa, contudo, é um constante desafio. Todos os dias somos convidados a seguir o Cristo pobre, casto e obediente — e este seguir e estar com Ele implica momentos de alegria e tristeza, conquistas e derrotas, fraternidade e solidão. Percebo que este estilo de vida é um meio, através do qual uma parcela do Reino de Deus pode se implantar entre os homens. Através do nosso *sim* um caminho novo é aberto — caminho desconhecido que amedronta e fascina; faz chorar e faz vibrar de alegria e esperança na pessoa de Cristo que é o seu fundamento.

Toda vez que experimentamos a fraternidade em nossas comunidades, o reconhecimento do erro, o pedido de perdão, a reconciliação, a saída de nós mesmos para irmos ao encontro do outro, o atendimento aos apelos da Igreja, o serviço aos irmãos necessitados, experimentamos a Vida Religiosa em plenitude.

Conversando com jovens religiosos, percebi que sentem o valor e a beleza desse estilo de vida, mas sentem também os desafios e medos que a ela estão ligados: o desafio de ser fiel ao chamado feito por Al-

guém que viveu há quase dois mil anos atrás; o desafio de viver valores opostos aos sustentados pela sociedade; o medo de não encontrar espaço para se expressar; o medo de perder o espírito jovem, que o impulsiona a viver com ardor a missão que lhe foi confiada.

Descobri, ao mesmo tempo, que nesses jovens corações existe a esperança de que um dia todos se abram para acolher o *Novo*, que se concretiza na prática dos valores evangélicos.

Como chamados à Vida Religiosa não podemos nos dar ao luxo de sentar à beira da estrada e ficar olhando os passantes e construtores da História, sem dar a nossa participação. Não: há muita coisa a ser feita; há muitas verdades a serem proclamadas; muitas idéias falsas que devem ser reparadas.

A Vida Religiosa deve ter como fundamento Jesus Cristo e seu Reino — isto é o que aprendemos, mas nem sempre encontramos em exemplos concretos essa afirmação. Pelo contrário, muitas vezes, o fundamento da Vida Religiosa é visto sob o prisma de estruturas e tradições, que embora levem o nome de cristãs, de Cristo não têm quase nada.

Precisamos rever nossa maneira de testemunhar o Evangelho hoje. Palavras não convencem. Ele deve ser encarnado de acordo com a ação do Espírito Santo e não conforme a vontade daqueles que em nome de Cristo deturpam o Reino de Deus e acabam transformando-o em um reino de poder, dominação e egoísmo.

Jesus Cristo é o *caminho, a verdade e a vida.* Precisamos deixar que Ele fale em nosso coração e que essas palavras se transformem em sinais de vida para aqueles que estão ao nosso redor. Colaborar para que a verdade de Cristo renove pessoas, estruturas e sociedades é um desafio que, como religiosos, precisamos aceitar. Milhões de pessoas seguem Jesus, mas pouquíssimas conseguem compreender suas palavras, Sua Verdade.

Somente a Verdade de Cristo nos há de libertar. Talvez aí esteja um dos motivos pelos quais muitos dos que foram chamados e optaram pela Vida Religiosa não se sintam livres mas amarrados e incapazes de caminhar e atender aos apelos da Igreja hoje. Em vez de encontrarem a Verdade de Cristo, encontraram tradições, que os prendem ao relativo. impedindo que se encontrem com o Absoluto, para viverem plenamente sua vida de consagrados.

Felizmente, muitos já perceberam e percebem que Vida Religiosa é um caminho aberto que não deve ser bloqueado pela mediocridade na doação a Cristo e ao serviço de seu Reino e nem pela incoerência entre palavras pregadas apenas com os lábios e não com a vida.

Precisamos testemunhar a alegria de se acreditar num ideal e lutar por ele. Viver plenamente a Vida Religiosa não é uma utopia; é uma realidade a ser alcançada através da conversão de pessoas e estruturas.

Foi o próprio Cristo quem afirmou: *"Eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância"* (Jo 10,10).

A esperança é esta: dentro da Vida Religiosa, a VIDA em abundância, trazida por Cristo, deve encontrar espaço e vez para se concretizar e unir corações na fraternidade e na busca de um único ideal: Cristo e o seu Reino.

Acredito na força da Vida Religiosa aberta aos apelos do Espírito, capaz de dar testemunho evangélico em toda a parte; capaz de ser um caminho aberto e novo, que atrai e dá condições, para aqueles que nele entram de viver plenamente o seu cristianismo, colaborando na construção do Reino de Deus entre os homens.

●

QUESTÕES para ajudar a leitura pessoal e em comunidade:

1. Enquanto comunidade — formada ou em formação — que temas nos tocam mais nestes testemunhos de jovens religiosos?

2. Como contribuímos, na prática, para ajudar a preencher as "perspectivas dos jovens diante da vida religiosa"?

3. Na diferença dos testemunhos aparece o sinal da pluralidade. Como nos situamos na aceitação e na criação de espaços para que essa diversidade saudável possa existir? □

Sede de Deus

Mas, ao mesmo tempo, é viva em cada jovem uma grande sede de Deus, embora às vezes se esconda por detrás de uma atitude de indiferença ou até mesmo de hostilidade, *JOÃO PAULO II, Mensagem para a VII Jornada Mundial da Juventude, 1992, nº 3.*

Pedagogia basilar da fé

A messe é abundante! E contudo, enquanto são tantos os jovens que procuram Cristo, ainda são poucos os apóstolos em condições de O anunciar de modo crível. Há necessidade de muitos sacerdotes, de mestres e educadores na fé, mas também há necessidade de jovens animados pelo espírito missionário, porque são os jovens que "devem tornar-se os primeiros e imediatos apóstolos dos jovens, exercendo por si mesmos o apostolado entre eles" (Apostolicam actuositatem, 12). Esta é uma pedagogia basilar da fé. Eis, pois, a vossa grande tarefa, *JOÃO PAULO II, Mensagem para a VII Jornada Mundial da Juventude, 1992, nº 3.*

IGREJA, MISSÃO E RELIGIOSO

Os religiosos estão numa encruzilhada. Muitos, integrados em paróquias, governam minorias que delas se aproximam. Outros administram obras em que a evangelização está reduzida a nada. Qual a posição deles em relação à missão?

Pe. José Comblin
Serra Redonda, PB

Neste breve artigo vou simplesmente enunciar algumas teses que pretendo desenvolver mais tarde em outro artigo mais extenso. Depois proporei os argumentos teológicos principais, sem, contudo, desenvolvê-los por falta de espaço e reservando a explicitação para uma obra posterior.

O meu ponto de partida será a recente encíclica *Redemptoris Missio* sobre a validade permanente do mandato missionário. O Papa insiste na atualidade da missão Ad Gentes. Mostra como ela se aplica não somente aos povos que nunca receberam o anúncio do evangelho, mas também a povos que já um dia receberam esse evangelho, mas se afastaram em grande parte dele (nº 31-37).

O nosso quadro de referência será a eclesiologia conciliar segundo a qual, conforme a doutrina patrística, a Igreja existe em Igrejas locais ou particulares. A Igreja não é, como dizia Belarmino, uma instituição semelhante aos Estados. As Igrejas locais não são províncias de um grande reino. A Igreja existe na sua totalidade em cada Igreja local. A Igreja universal não é uma instituição centralizadora como o Estado, mas uma comunhão de uma multidão de Igrejas locais. Em cada celebração da Eucaristia está a Igreja inteira, porque aí está o corpo de Cristo.

Por isso a Igreja não cresce como cresce um Estado, conquistando territórios novos ou estendendo o seu poder. A Igreja cresce porque continuamente nascem novas igrejas locais. Daí resulta que expressões como "Igreja em estado de missão" são ambíguas. A Igreja não pode

ser mobilizada inteiramente. Em cada momento ela consta de igrejas novas que surgem, igrejas velhas que perecem, igrejas maduras, igrejas decadentes, igrejas em crescimento.

TESES

1. Missão e Igreja são duas realidades distintas. Estão intimamente relacionadas, mas são distintas, correspondem a atos distintos do Espírito Santo. Pois a Igreja não cresce como um organismo vegetal ou animal, não cresce como uma sociedade humana, uma instituição jurídica por expansão ou extensão. A Igreja cresce pela missão.

2. Uma igreja local cresce pela atividade normal dos seus membros enquanto permanece dentro do mesmo ambiente cultural. Ela não sai da sua cultura pelas atividades normais dos seus membros. Nesse momento começa a missão. A missão sai dos limites da cultura de uma igreja particular em vista de fundar outra igreja local dentro de outro ambiente cultural. Uma igreja local não pode ser totalmente missionária. Se fosse totalmente missionária ela emigraria e deixaria de ser a igreja local do lugar em que nasceu. Uma igreja local envia missionários. Estes deixam de ser membros da igreja local porque começam a viver em função de outra igreja. É como um jovem que sai da sua família para fundar outra família. Quem casa não é a família toda, embora a família toda esteja de alguma maneira implicada, mas somente um dos seus membros.

3. A missão está na origem de uma nova igreja local. Naturalmente não é o missionário quem cria uma nova igreja, mas apenas o Espírito Santo. Mas o missionário é o instrumento que colabora com o Espírito Santo. O nascimento de uma nova igreja não é o produto do crescimento de uma igreja anterior, assim como o filho não é simplesmente o resultado do crescimento da mãe. O filho é um ente novo diferente do ente da mãe. Uma igreja nova é um ente novo que não forma parte de uma igreja anterior. Por isso a missão é uma atividade diferente da atividade pastoral que consiste em dirigir e alimentar uma igreja constituída. Vem um momento em que a missão termina: quando uma nova igreja já pode caminhar por si mesma.

4. A missão é um carisma específico que S. Paulo coloca no primeiro lugar. Nem todos os membros de uma igreja são chamados para ser missionários. Nem a igreja toda é missionária. Não é a Igreja que envia. Pois os missionários não são os delegados de uma igreja local. Nem agem em nome da sua igreja local. Os missionários são escolhidos diretamente por Jesus que os envia. Recebem os seus poderes de Jesus como o mostra o exemplo de S. Paulo. Eles são os fundadores de igrejas novas em nome de Jesus Cristo e não em nome da sua igreja local. Uma vez estabelecida a Igreja nova, ela se dá os seus ministérios e recebe do Espírito Santo os carismas que correspondem às suas necessidades de manutenção e cres-

cimento. O missionário não é permanente.

5. A missão é necessária cada vez que aparece um mundo novo, uma cultura nova, uma sociedade nova que as igrejas estabelecidas não conseguem penetrar. Hoje em dia a encíclica *Redemptoris Missio* mostra que não somente as igrejas atuais se acham diante das grandes culturas do mundo não cristão, sobretudo na Ásia, mas também diante de mundos novos e culturas novas mesmo em regiões que já foram cristianizadas (nº 37). A experiência, sobretudo do século XX, mostra que as igrejas locais não conseguem penetrar nesses mundos. Por isso estamos numa época que está na espera de novas formas da missão. O Espírito Santo vai suscitar vocações missionárias, deve estar suscitando inúmeras vocações missionárias.

6. Para trabalhar na missão o cristão escolhido pelo Espírito Santo deve sentir-se inteiramente livre em relação à sua igreja de origem: livre dos costumes, das estruturas, das tradições, de todas as determinações. Deve entrar na cultura nova sem atadura nenhuma a não ser o anúncio da boa nova de Jesus Cristo. Ele é servidor do evangelho e não servidor da igreja que deixou para evangelizar. A liberdade é condição sine qua non de toda missão. Aqui também o exemplo de S. Paulo é contundente.

7. Na atualidade apareceram muitos missionários, sobretudo na América Latina. No entanto de modo surpreendente a grande maioria desses missionários procedem de igrejas separadas. Atualmente centenas de milhares de missionários estão trabalhando intensamente na América Latina. Pertencem a igrejas pentecostais ou a seitas cristãs, semicristãs (Mormons ou Testemunhas de Jeová) ou não cristãs. Como explicar o fato de que haja tantas vocações missionárias nesses grupos heterodoxos e tão poucas vocações missionárias na igreja católica? Muitos traços da situação atual lembram a situação da cristandade no final do século XII e no início do século XIII: uma multidão de seitas, de missionários independentes pregando um evangelho de liberdade em relação às estruturas de uma igreja feudal, a impotência dos bispos e dos sacerdotes prisioneiros de uma igreja verticalista, autoritária, prisioneira das suas leis e dos seus costumes, inclusive a impotência da Ordem cisterciense que tinha recebido do Papa a incumbência de evangelizar os pobres e de vencer os assaltos das seitas. Face a atual ofensiva das seitas a Igreja católica parece impotente. Será que o Espírito Santo decidiu não suscitar vocações missionárias dentro da Igreja católica? Ou será que as estruturas rígidas da Igreja católica impedem que muitos católicos percebam a sua vocação missionária ou decidam realizá-la? Como explicar que centenas de milhares de missionários evangélicos nasceram e foram formados na Igreja católica e quando eram católicos nunca foram missionários, e uma vez convertidos a uma igreja pentecostal

imediatamente começaram uma atividade missionária? Qual é o segredo? Será que o Espírito Santo somente se faz presente nas igrejas dissidentes?

8. No passado muitas vezes os monges tomaram iniciativas missionárias. Grande parte da antiga cristandade européia foi evangelizada por monges. Depois deles vieram os frades mendicantes. Depois vieram sociedades missionárias e institutos religiosos em grande número que dedicaram grande parte das suas atividades à missão. Ora hoje em dia os institutos religiosos quase deixaram a missão. Entraram nos quadros das igrejas estabelecidas. Fornecem uma grande parte dos pastores das igrejas já fundadas. Mesmo na Ásia ou na África diz-se que entre 90 e 95% dos sacerdotes missionários se dedicam ao pastoreio das igrejas já fundadas e poucos se dedicam realmente à evangelização dos mundos não-cristãos. Na América Latina inúmeros são os religiosos e as religiosas que exercem atividades de pastoreio nas paróquias, nas escolas católicas e outras instituições de conservação e não de evangelização. No entanto o Concílio Vaticano II urgiu os religiosos para que voltassem ao seu carisma de origem. O que é que está acontecendo? Os religiosos perderam o seu carisma? O Espírito Santo deixa de suscitar vocações no meio deles? Ou as igrejas locais paralizam as vocações missionárias?

9. América Latina é em grande parte território de missão, não somente no mundo índio e no mundo negro que nunca foram profundamente evangelizados, mas mais ainda nas cidades novas que hoje em dia reúnem 75% da população. Mundos novos, culturas novas exigem novos missionários. Onde estão as vocações missionárias?

FUNDAMENTOS BÍBLICOS

O paradigma da missão é São Paulo. Pois Paulo fundou a missão. O Novo Testamento mostra que os Doze evangelizaram os judeus de Jerusalém. Não foram capazes nem sequer de evangelizar os Helenistas de Jerusalém e Pedro acolheu Cornélio na igreja porque foi forçado pelo Espírito Santo, mas sem que essa conversão tivesse sido para ele o sinal de uma vocação nova para evangelizar as nações. Lucas mostra na decisão de Pedro em relação a Cornélio um argumento para legitimar a missão de Paulo e situá-la em continuidade com a missão de Pedro e dos Doze. As próprias epístolas de Paulo sublinham a descontinuidade e a novidade da missão paulina.

Paulo foi o inventor da missão. Ou então Paulo foi o instrumento de Jesus para criar a missão no seu sentido pleno: cruzar a fronteira e passar para os pagãos, para uma cultura nova. Paulo criou a "missão ad gentes". Por isso ele será a referência obrigatória para sempre.

Pode-se dizer que de certa maneira toda a doutrina de Paulo está centrada na missão. As epístolas aos

Gálatas e aos Filipenses assim como a Segunda aos Coríntios não têm outro objeto. Também o centro da epístola aos Romanos gira ao redor da missão e a longa primeira parte expositiva tem uma missão legitimadora do missionário Paulo. A Primeira aos Coríntios mostra o exercício da missão do missionário na fase de constituição de uma nova igreja. A missão chega a se identificar de alguma maneira com o missionário. A missão é o agir de Paulo. Ele é a missão encarnada.

O missionário Paulo invoca como fonte de legitimidade da sua missão a sua escolha por Jesus Cristo diretamente. Não foi escolhido por nenhuma autoridade humana. Foi reconhecido pelos Doze e por Pedro mas a sua vocação não veio deles. Também a sua mensagem vem de Cristo e não de Pedro. Pois a sua mensagem é que todos os povos são chamados sem necessidade de passar pelo judaísmo. Essa mensagem Paulo não a recebeu nem de Pedro nem da Igreja de Jerusalém. Pelo contrário eles hesitavam e duvidavam. Adiavam o momento das grandes opções.

Paulo foi enviado pelo Espírito Santo, não pela Igreja de Antioquia. Não era o enviado de Antioquia e não pensou nunca em colocar os novos cristãos na dependência da igreja de Antioquia. Pelo contrário em Antioquia ele enfrentou o próprio Pedro, provavelmente mais apegado aos mais medrosos de Antioquia. O missionário não tem por missão aumentar ou fazer crescer a Igreja da qual procede, mas fundar novas igrejas. Ele é o defensor da liberdade das novas igrejas em relação às igrejas mais velhas.

Paulo reivindica a sua total liberdade em relação a toda a cultura das igrejas anteriores. No caso ele se proclama livre de tudo o que nas igrejas de Jerusalém ou de Antioquia dependia de uma cultura judaica. Pois o judaísmo era uma promessa e como promessa permanece para sempre. Mas era também uma cultura e essa cultura não se pode impor a todos os povos, pois ela não é mediação da verdadeira libertação de Cristo. Paulo está bem consciente de que sem essa liberdade não teria podido realizar a verdadeira missão de Jesus Cristo. Não teria feito nascer a verdadeira igreja que é comunhão de igrejas autônomas e independentes. Teria sido agente de uma igreja universal herdeira de um judaísmo conquistador, teria sido o propagador de um Islã cristão, mas não de uma comunhão de igrejas locais cada uma com o seu caráter próprio.

O apóstolo Paulo sabe e aceita o preço que tem que pagar pela fidelidade ao seu carisma de missionário. Sabe que o missionário precisa abraçar a cruz de Cristo, isto é o despojamento de toda força humana e de todo poder criado. Por isso trabalha e escolhe o trabalho como meio de subsistência. A ajuda de outros limitaria a liberdade do apóstolo. Por isso também não traz consigo nem esposa nem família. Vive num despojamento total para

ser unicamente o servidor dos novos discípulos que a sua palavra traz para Cristo. Pois, o missionário deve deixar tudo o que poderia atá-lo a outras igrejas e que limitaria a sua liberdade de acesso e de palavra.

O apóstolo Paulo exerce a autoridade do evangelho nas igrejas que funda e não suporta que delegados de outras igrejas venham introduzir usos de outros lugares e criar novas formas de escravidão nas igrejas que ele ajudou a libertar. Ele tem plena autoridade para acompanhar as igrejas das quais ele é o pai, o autor. No entanto não delega para ninguém essa autoridade. Não instala nenhum sucessor para continuar a sua autoridade apostólica. Essa autoridade é totalmente pessoal. Depois dele as igrejas estabelecem outros ministérios. Mas depois de Paulo ninguém terá a autoridade de Paulo nem em Corinto, nem em Filipos, nem em Tessalonica. Os ministérios novos que aparecem são ministérios de pastoreio, mas não ministérios de fundação.

HISTÓRIA CRISTÃ

A realidade da história cristã da missão ficou um pouco obnubilada pelo modelo centralizador da Igreja católica depois do Concílio de Trento. Com efeito, depois de Trento tendeu a prevalecer a eclesiologia de Belarmino e a Igreja foi vista cada vez mais como uma instituição paralela ao Estado. Essa visão teórica entrou pouco a pouco na prática. No século XIX com o desaparecimento das monarquias que tratavam de manter algo de igrejas nacionais, desapareceu toda diversidade na Igreja católica. Hoje em dia as dioceses não são realmente igrejas locais dotadas de dinamismos próprios, mas apenas províncias da Igreja romana. Estão totalmente governadas desde Roma e o bispo não é nada mais do que o delegado local do poder do Papa. A visão da Igreja como comunhão de igrejas desapareceu.

Como conseqüência a missão foi concebida como pura extensão da única Igreja uniforme de Roma. Os missionários que implantaram a Igreja na América, na Ásia, na África implantaram todas as estruturas das suas igrejas de origem. Não fundaram igrejas locais mas estenderam o espaço da Igreja romana. As tentativas em sentido contrário experimentadas na América no século XVI, na China ou na Índia no século XVII foram condenadas e desapareceram sem deixar lembranças concretas. Hoje em dia a comunhão das igrejas significa a sua dependência total da igreja de Roma. Tornou-se palavra jurídica.

Conseqüentemente os missionários foram os delegados da sua igreja de origem. Não se lhes pedia que se inculturassem, que se libertassem de tudo o que os apegava a sua cultura de origem. Pelo contrário, eles deviam trazer a sua cultura juntamente com o evangelho. Evangelizar e civilizar (isto é ocidentalizar) eram dois aspectos da mesma mis-

são, O sentido paulino é tradicional da missão desapareceu. É verdade que o documento fundador da Sagrada Congregação da Propaganda da Fé tinha enunciado um programa bonito de inculturação do evangelho, mas esse programa nunca foi aplicado e nunca serviu como referência.

No entanto antes da Igreja tridentina houve 15 séculos de história cristã que oferecem uma visão bem diferente.

Além disso com a descolonização que se produziu depois da Segunda Guerra Mundial, o esquema missionário pós-tridentino parece ter chegado a um ponto de esgotamento. Os institutos missionários estão cheios de dúvidas, a penetração nas outras culturas não progride, as próprias vocações missionárias escasseiam. O modelo da simples expansão da Igreja romana já não produz efeitos. As próprias igrejas nascidas da expansão pós-tridentina se queixam e exigem uma inculturação sempre adiada, mas cada vez mais reivindicada. Tudo indica que os apelos para uma renovação da missão ad gentes ou para uma nova evangelização permanecerão sem efeito, se se mantém a doutrina missionária que se implantou depois de Trento como conseqüência da eclesiologia de tipo belarminiano.

1. Missão e Igreja patrística.

Os historiadores chegaram à conclusão de que não houve nas igrejas antigas nem missionários específicos, nem programa missionário. As igrejas cresceram pela atividade espontânea dos seus membros. Cada cristão foi evangelizador e conquistou para a sua igreja a sua família, os seus amigos, os seus colegas de trabalho, enfim as suas relações sociais. A missão entrava em todos os atos da vida social normal. Os cristãos aproveitavam os seus relacionamentos sociais como canais de transmissão da sua fé.

Como foi isso possível? Os historiadores explicam que os primeiros séculos cristãos não conheceram mudanças fundamentais. O cristianismo no mundo cultural grego tinha sido criado já no primeiro século. O que Paulo tinha feito permanecia válido para os séculos seguintes. Os primeiros séculos não tiveram que enfrentar outras culturas. Não cruzaram fronteiras culturais. Os cristãos formados por Paulo e outros podiam evangelizar o seu mundo cultural sem intervenção de novos missionários. Teria sido diferente se os cristãos dos primeiros séculos tivessem escolhido o desafio de evangelizar os povos situados fora dos limites do Império romano. Não houve missão no sentido específico, nem missionários com carisma específico porque não houve o desafio de novas culturas.

No entanto é necessário assinalar um fenômeno que se produz depois da conversão de Constantino e com a fundação do Império cristão. Essa mudança trouxe consigo uma profunda decadência das igrejas tradicionais. Daí nasceu como reação o movimento monástico. E

os monges foram os agentes de uma nova evangelização desde o século IV. Eles formaram como novas igrejas irradiadas pelo seu modelo de vida independentemente das igrejas estabelecidas muito atingidas pela introdução prematura de milhões de novos convertidos que procuravam os favores do Império antes do que a cruz de Cristo. A renovação não veio da parte de dentro das igrejas, mas dos monges que fugiram longe das cidades onde estavam as igrejas. Fugiam das cidades e fugiam das igrejas.

Há uma grande continuidade entre a Igreja patrística e a Igreja oriental. No Império bizantino duas vezes os monges tiveram um papel relevante para a reevangelização de uma Igreja que se deixava levar por inspirações forâneas. A primeira vez foi na luta contra o chamado origenismo, isto é, contra a intelectualização do cristianismo sob a influência da filosofia grega. Os monges defenderam a tradição espiritual tradicional fundada na fé do povo simples. A aliança dos monges e dos camponeses prevaleceu. A segunda vez foi na famosa questão do iconoclasmo. Durante décadas os imperadores procuraram islamizar o cristianismo purificando-o de todas as imagens. De novo os monges aliados aos camponeses foram mais fortes do que a burocracia imperial e reevangelizaram a Igreja.

É bem conhecida a importância dos monges russos, dos peregrinos dos "loucos de Deus" para manter a fé verdadeira nos tempos de corrupção da Igreja pelos imperadores no império russo, quando os imperadores queriam se submeter a Igreja com a cumplicidade do clero, inclusive do episcopado.

2. Os monges na evangelização dos povos germânicos e eslavos.

A importância dos monges na evangelização dos povos germânicos e eslavos é tão conhecida que não precisamos insistir. Foram os monges irlandeses, depois ingleses que evangelizaram o continente invadido pelas tribos germânicas e aí fundaram novas igrejas locais. Estas igrejas não surgiram pela ação das igrejas anteriores, nem do clero ou dos bispos. Os monges fundaram bispados e paróquias, estabeleceram uma nova rede de igrejas locais. Mais tarde essas igrejas foram incorporadas em conjuntos maiores sob a influência dos reis francos e dos seus sucessores, mas na origem cada igreja tinha a sua personalidade. Os monges evangelizadores não eram os representantes das suas igrejas de origem na Irlanda ou na Inglaterra. Eram os enviados de Jesus Cristo para fundar igrejas novas.

3. Os Mendicantes e o mundo urbano medieval.

As crises urbanas, a revolução cultural nas Comunas, a invasão das seitas de pobreza e o movimento albigense criaram no século XII e no início do século XIII uma crise da Igreja feudal. Os bispos e os padres não conseguiram dar resposta válida. O cisma ameaçava a cristandade. Os Cistercienses chamados

por Inocêncio III fracassaram rotundamente. Apareceram os Mendicantes discípulos de Francisco e Domingos, e depois os carmelitas, agostinianos, mercedários. Constataram a impotência das igrejas e do seu clero. Receberam do Papa a permissão de pregar e de reunir cristãos. Fundaram as primeiras igrejas paralelas. Durante séculos as igrejas dos frades tiveram muito mais sucesso nas cidades do que as igrejas paroquiais. Estas conservaram o privilégio de administrar o batismo e o casamento. Todo o resto da vida religiosa se fazia nas igrejas dos frades, em torno aos Mendicantes. Aí se dava uma espiritualidade adaptada ao mundo das cidades nascentes.

Durante 7 séculos, até o final do século XIX a história da Igreja católica foi dominada pela rivalidade e pelas disputas entre "regulares" e "seculares", entre os frades e as paróquias. A intenção dos Mendicantes era renovar as paróquias. O Concílio de Trento orientava a pastoral no sentido de usar os religiosos para a renovação das paróquias. Neste sentido houve desde o século XII uma reevangelização permanente das dioceses e das paróquias pelo ministério dos frades, cujo trabalho foi reassumido também pelas novas congregações nascidas no ambiente da reforma católica ou depois.

As chamadas "missões" do interior dos Lazaristas e das congregações ulteriores (eudistas, redentoristas, monfortanos...) retomam o trabalho dos mendicantes. A idéia é que a cristandade precisa de uma reevangelização permanente. As estruturas de diocese ou de paróquia nunca são suficientes para transmitir o evangelho. É preciso que venham missionários de fora. A paróquia por si mesma não é capaz de animar a fé. Alguns santos achavam que uma "missão" é necessária pelo menos de três em três anos.

Donde vem essa fraqueza tão grande das dioceses e das paróquias no Ocidente? Não seria do autoritarismo e do verticalismo tão característicos da paróquia e da diocese? Tudo indica que a fé inculcada desse modo autoritário nunca se sente muito segura. Maior prestígio do que os bispos e os padres têm os religiosos missionários aos olhos do povo. Essa tradição se mantém no Brasil. Qual é o bispo ou o sacerdote cujo prestígio possa ser comparado com o prestígio de frei Damião?

As "missões" do interior tem algo especial que as permite comparar com a missão de evangelização. Elas merecem o seu nome de missão.

4. A evangelização da América.

A evangelização da América respondeu a dois modelos. O primeiro era o modelo da extensão da cristandade espanhola ou portuguesa nos novos territórios. Daí a fundação de dioceses e de paróquias e a introdução de todas as estruturas, todos os elementos dessas cristandades. Não se tratava de fundar novas igrejas e sim de estender as igrejas antigas. Da mesma maneira não se

tratava de fundar novos reinos e sim de estender os reinos de Espanha ou Portugal. Essa foi a evangelização que predominou e afinal prevaleceu. As igrejas atuais são continuadoras das igrejas fundadas pelos reis de Espanha e de Portugal.

No entanto houve outro modelo. Este outro foi primeiro o dos primeiros franciscanos que desembarcaram na América, sobretudo os famosos "Doze apóstolos" enviados por frei Francisco de los Angeles com a Bula Alias Felices de Leão X, renovada várias vezes e notadamente por Adriano VI a pedido de Carlos Quinto. Pelas Bulas dos Papas os Doze apóstolos conduzidos por frei Martinho de Valencia desembarcam em 1524 na Nova Espanha com quase todos os poderes episcopais, com plena liberdade para fundar novas igrejas independentes das igrejas nacionais. Eles tinham a esperança de criar uma nova cristandade quase messiânica, livre das corrupções da antiga. Durante todo o século XVI os franciscanos procuraram manter as suas liberdades. Mais tarde os jesuítas vão procurar gozar das mesmas nas suas reduções.

O projeto desses religiosos era realmente o projeto de partir dos povos da América para fundar novas cristandades. A base era a adoção das línguas indígenas como línguas das igrejas. Havia a esperança de formar um clero indígena.

Infelizmente o concílio de Trento sobreveio e o Concílio tinha outro projeto. Não admitia nenhuma exceção para as novas igrejas de América. A centralização tridentina desfez tudo o que se tinha começado. A missão propriamente dita acabou, ficou suspensa pelo espírito do concílio e pelas regras canônicas que dele derivaram. No decorrer do século XVII os religiosos perderam todo o seu espaço salvo nas reduções paraguaias. Estas foram também destruídas a meados do século XVIII pela expulsão dos jesuítas. Por sinal a evangelização enfraqueceu, os indígenas foram abandonados a si próprios e as igrejas se instalaram numa doce tranqüilidade.

A história da América repetiu as lições da história do Ocidente cristão: a evangelização supõe a missão. As estruturas estabelecidas, o clero local, as igrejas tradicionais nem sequer conseguem manter a sua fé por si mesmas. Elas precisam ser renovadas por missionários do interior. E quando desaparecem os missionários a missão aos indígenas é abandonada. O clero das paróquias e das dioceses governa a fé estabelecida, nem sequer consegue alimentá-la. Muito menos consegue evangelizar. Sem novas levas de missionários as igrejas americanas não se renovam.

No decorrer deste século XX a tradicional briga entre clero regular e clero secular acalma-se e chega a desaparecer. O que significa essa evolução? Será que todos se tornaram missionários? Ou será que os próprios religiosos se deixaram integrar nas estruturas estabelecidas e deixaram de ser missionários?

OS DESAFIOS DE HOJE

Em 1941 o padre Alberto Hurtado S.J. publicava no Chile um livrinho cujo título já era uma provocação: ¿Es Chile un país católico? O Pe. Hurtado mostrava tudo o que permitia dizer que o Chile possivelmente não seria um país católico: todos os sinais de miséria, de opressão, de marginalização. O Pe. Hurtado sugeria que o Chile seria antes um país de missão, um país em que a missão não chegou ao seu termo.

Medellin retomou o tema. A Igreja precisava de uma conversão. Na América Latina os pobres não foram evangelizados devidamente e a Igreja falhou. Um dos grandes artífices de Medellin foi dom Leonidas Proaño, o bispo de Riobamba no Equador. As últimas palavras de dom Leonidas Proaño na sua agonia foram de angústia. Dom Leonidas na agonia só pensava nos índios, na opressão dos índios e se dizia angustiado porque, dizia, "a Igreja é que tem a culpa dessa opressão secular dos índios". Era preciso retomar o trabalho inaugurado por alguns missionários do século XVI e completá-lo. Uma nova evangelização começou então. realizada desta vez por um punhado de bispos ajudados por uma minoria de sacerdotes, de religiosos e religiosas, leigos e leigas. Pela primeira vez parecia que uma missão não seria assumida por uma categoria especial mas por minorias tiradas de todas as categorias da Igreja.

Os religiosos estiveram no movimento de Medellin, mas não de modo tão especial. Pode-se dizer que na vanguarda estiveram os bispos da geração de Medellin, os "Santos Padres da Igreja da América Latina".

E hoje o quê? Dentro da Igreja católica há uma evolução clara. O episcopado está sendo recuperado. Já não há mais novos bispos com espírito profético que tenham alma de evangelizadores ou missionários. Os novos bispos são antes de mais nada administradores da sua diocese em nome do Papa. Eles são a presença do Papa na sua diocese. O clero secular está sendo recuperado também e formado para governar as paróquias. O espírito missionário de Medellin ficou completamente esquecido. Os novos padres nunca ouviram falar disso (salvo algumas exceções somente no Brasil). O laicato de Ação católica desapareceu por completo. Na encíclica *Redemptoris Missio* o Papa nem sequer menciona a Ação católica. Ao invês toda a sua esperança está nos novos movimentos. Esses supostamente seriam os missionários do mundo moderno.

Serão os movimentos os verdadeiros evangelizadores do mundo moderno? Até agora não deram a prova dessa capacidade. De modo geral eles tendem a refugiar-se no fundamentalismo, e são como o reduto, a última reserva em que os católicos defendem a sua fé contra os assaltos da modernidade. Não parecem ter a capacidade de penetrar

dentro da própria cultura moderna à qual permanecem alheios. A sua ideologia é geralmente tradicionalista e espera mais da ruína final apocalíptica do mundo moderno do que da sua conversão. Esperam o reestabelecimento da cristandade sobre as ruínas da modernidade como os católicos do século XIX.

E os religiosos? Estão numa encruzilhada. Muitos estão integrados nas estruturas paroquiais e governam o que podem, as minorias de católicos que se aproximam das paróquias. Outros administram obras educativas ou hospitalares em que a função evangelizadora está reduzida a quase nada. Uma minoria entrou no caminho de Medellín. A CLAR foi o símbolo dessa minoria. Mas a CLAR morreu. Procuram manter em pé o seu cadáver, inutilmente. Os religiosos vão ter que escolher, cada um, cada congregação, cada província, e provavelmente cada religioso ou religiosa, porque há poucos movimentos coletivos. Os religiosos estão dispostos a fornecer os missionários de hoje?

Os desafios colocados em Medellín cresceram. América Latina sofre hoje em dia muito mais do que em 1968 todos os sofrimentos denunciados naquela época.

A população aumentou. Concentrou-se nas cidades, sobretudo nas grandes cidades. O abismo entre ricos e pobres cresceu. A massa dos marginalizados é incontável. Está nascendo uma cultura suburbana feita de todos os fracassos da modernidade: cidades inabitáveis, televisão degradante cultural e moralmente, serviços públicos desorganizados, império dos vícios, violência endêmica... Ao lado ou dentro de tal situação o mercado aberto das religiões. Trata-se de uma nova sociedade. As paróquias e as dioceses estão completamente impotentes. Quais serão os missionários que irão evangelizar as grandes cidades?

Desde o século XII as paróquias nunca conseguiram evangelizar as cidades. O fracasso apareceu evidente quando os sociólogos do século XIX estudaram a evolução religiosa nas grandes cidades católicas, Paris ou Viena.

As estruturas da Igreja não mudaram. Não se adaptaram. Não podemos esperar que uma mudança venha das estruturas. Não se trata de expandir as paróquias e sim de fazer nascer novas igrejas no ambiente urbano, igrejas independentes dos ritmos e do modo de viver das antigas igrejas paroquiais que vivem no ritmo rural.

O nosso direito canônico nasceu num ambiente rural em função de uma Igreja rural. No entanto ele abre portas e permite, por exemplo, que um bispo em lugar de fundar paróquias abra áreas de missão entregando tais áreas a missionários. Se não aparecem missionários, é difícil que os bispos apliquem essa cláusula.

Neste final de século XX, qual é a posição dos religiosos em relação à missão? Têm eles vocação para se

libertarem das igrejas antigas em que nasceram para estarem a serviço da fundação de igrejas novas nos mundos novos de hoje? A questão está aberta. Ninguém pode responder em nome de outros.

QUESTÕES para ajudar a leitura pessoal e em comunidade:

1. Quando se pode dizer que há crescimento da Igreja universal por causa de uma ação missionária?

2. Podemos aceitar a afirmação de que os religiosos se dedicam mais ao pastoreio das igrejas já fundadas do que à missão de evangelização?

3. Quais são os sinais característicos da atividade missionária do apóstolo Paulo, enquanto modelo da mesma?

4. Como a vida monástica, e depois a vida religiosa regular, contribuíram para o processo missionário evangelizador? □

Na linha do batismo

João Paulo II — A vocação cristã está projetada para o apostolado, para a evangelização, para a missão. Cada batizado é chamado por Cristo a tornar-se apóstolo no próprio ambiente e no mundo, Mensagem para a VII Jornada Mundial da Juventude, 1992, n.° 2.

Leitor — Em outras palavras: a promoção dos ministérios laicais não está em função da escassez dos ministérios ordenados. Não é supletivo ou complementar do ministério sacerdotal. Situa-se na linha do ter sido batizado. Aqui está a sua identidade primordial. O batismo é o sacramento-fonte. Tem, portanto, o ministério laical conteúdo eclesial. É a expressão da vocação ministerial de toda a Igreja. Sem clericalizá-lo, o leigo é, indiscutivelmente, a maior força da evangelização (*Pe. Marcos de Lima, SDB).*

Vós não deveis estar calados

Deveis ter a coragem de falar de Cristo nas vossas famílias, no vosso ambiente de estudo, de trabalho ou de recreio, animados pelo mesmo fervor dos Apóstolos quando dizem: "Quanto a nós, não podemos deixar de afirmar o que vimos e ouvimos" (At 4,20). Também vós não deveis estar calados! Existem lugares e situações aonde só vós podeis levar a semente da Palavra de Deus, *JOÃO PAULO II, Mensagem para a VII Jornada Mundial da Juventude, 1922, nº 4.*

O CLAMOR DOS EMPOBRECIDOS CHEGARÁ A SANTO DOMINGO?

Na América Latina o sofrimento é produzido.
Os sistemas promovem a morte
e a alienação com a
conivência de muitos religiosos e religiosas.

Pe. Darci Luiz Marin, ssp
São Paulo, SP

Já estamos às portas da grande da na Assembléia de Santo Domingo. O episcopado latino-americano vem se preparando há bastante tempo para essa Assembléia (1). Encontros, estudos, documentos têm sido promovidos nesses últimos anos. As leitoras e leitores de *Convergência* conhecem muito bem a temática e o essencial do caminho feito até aqui. Por isso mesmo, nosso objetivo neste artigo não é o de comentar a trajetória histórica dos encontros, estudos e documentos preparatórios à IV Assembléia Geral do Episcopado Latino-Americano. Propomo-nos, antes, partilhar com as leitoras e os leitores a visão sintética de três horizontes que partem da realidade latino-americana e que, parece-nos, deveriam marcar presença acentuamingo.

Tratam-se de aspectos ainda não suficientemente acentuados na preparação à Assembléia de Santo Domingo, mas que são "o prato do dia" de milhões de latino-americanos no hoje de nossa história.

A resposta à temática-título deste artigo ainda é incógnita. Daí a necessidade de somar forças para que a audição e a percepção a esse imenso clamor dos empobrecidos se faça sentir mesmo nesta Assembléia que está se aproximando!

(Para uma visão mais ampla do que aqui sugerimos, propomos a leitura complementar das *notas bibliográficas* mencionadas no final do artigo.)

1. Rostos marcados pelo sofrimento

Na América Latina vive-se o sofrimento produzido. Ao invés da promoção evangélica da vida e da liberdade, os sistemas promovem a morte prematura e a alienação. E, o que é ainda pior, com a conivência — ainda que em geral velada — de muitos e muitas de nós, religiosos e religiosas.

Frente a esse quadro emergente do nosso cotidiano, é imperiosa a questão: "quantas vezes sentimos o coração queimar de tristeza diante da miséria e do latejar dolorido da pergunta: o que significa evangelizar?" (2).

Tal questão não deveria ser abafada em nós. Já o Concílio Ecumênico Vaticano II recomendava: "As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e dos de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco em seu coração" (Cf. GS 1). Puebla, seguindo as intuições de Medellín, identifica bem os rostos — "feições concretíssimas, nas quais deveríamos reconhecer as feições sofredoras de Cristo, o Senhor" (P. 31) — dos que carregam essas alegrias, esperanças, tristezas e angústias: crianças, jovens, indígenas, camponeses, operários. subeempregados e desempregados, marginalizados e amontoados das nossas cidades e anciãos (cf. P. 32-39). Mais recentemente outras duas faces têm sido somadas a essas: a dos negros e das mulheres (foram dedicadas duas Campanhas da Fraternidade — 88 e 90 — a estes temas).

Há que se somar forças para encontrar saídas. Isso é parte integrande de nossa profissão de fé. Esse é o caminho que escolhemos trilhar. É muito pouco a acomodar-se apenas na manutenção do já iniciado, ainda que essencial ao carisma específico da Instituição Religiosa a que pertencemos. Faz-se urgente vislumbrar os desafios do presente e partir para o novo.

A grande novidade surgida nessas últimas décadas na Igreja — e de modo acentuado em parte dela representada pelas religiosas e religiosos — da América Latina é, sem dúvida, a percepção do clamor dos empobrecidos e a empatia com eles. Muitas religiosas (individualmente e até como Congregação) e também religiosos mudaram radicalmente a maneira de evangelizar, deixando-se alcançar pela voz do Espírito presente nos rostos dos pequeninos marcados pelo sofrimento. Há resistências aqui e acolá. Todavia, "mais que repensar passos feitos, a Igreja deveria inquietar-se pelos passos que deixou de fazer, e perguntar-se pelos novos caminhos que ainda deverá percorrer. Não é hora de recuar. Se a Igreja adotar atitude regressiva, congelará o sangue de tantas testemunhas fiéis e perderá o futuro... Não é hora de retratação eclesial nem de recessão

pastoral. É hora de revigorar e ampliar a original pastoral que a Igreja latino-americana encaminhou junto com os pobres" (3).

Essa missão eclesial na América Latina vem sendo promovida por boa parte de religiosas e religiosos em diferentes lugares do Continente. Isso porque "a inserção nas lutas populares pela libertação tem sido — e é — o início de um novo modo de viver, transmitir e celebrar a fé" (4), a partir do que Gustavo Gutiérrez chama de "reverso da história".

Na vivência da missão, as religiosas e religiosos que empreendem esse caminho, antecipam com o testemunho de sua vida o que acontecerá no grande dia (cf. Mt 25, 21-46), na fé e no compromisso com a pessoa concreta de Jesus delineada nos rostos de milhões de seres humanos, marcados pelo sofrimento, que procuram vida neste Continente.

Esta dimensão não poderia faltar na lembrança deste V centenário de evangelização latino-americana e na realização da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano.

2. Os ídolos que matam X o Deus da Vida

De onde provém todo esse caudaloso fluxo de sofrimento que escoa pelas veias dos empobrecidos?

A fonte disso está na idolatria que, ao longo da história, qual fênix, sempre encontra formas para renascer das cinzas. Já no Antigo Testamento os profetas lutavam contra os que criavam ídolos que se alimentavam da vida das pessoas. Ao longo da história, esses ídolos foram mudando de máscara, mas continuaram a se alimentar de vítimas humanas.

A espiral dessa violência que se abate sobre milhões de pessoas, marginalizando-as do processo participativo de vida digna parece ser parte necessária para o progresso dos povos. Há, por exemplo, quem defenda hoje a livre concorrência e a competição como motores principais para o progresso das nações. Tais ideólogos alimentadores da moderna idolatria atual crêem e defendem que "a vida humana é luta... onde existem vencedores e vencidos" (5).

Tais sustentadores de ídolos prolongam a existência do *Édipo ocidental* (cujo pai sempre mata o filho), contrastante com a *fé de Abraão*: "A fé de Abraão implica ruptura com a cultura, a sociedade e a institucionalidade de seu tempo, para submetê-las à liberdade do ser humano, que é afirmação da vida... Ao não matar seu filho, Abraão não o nega a Deus. Nega-o à morte. Porém Deus de Abraão é o Deus da vida. Entrega a Deus seu filho precisamente ao *não* matá-lo" (6).

Nesse episódio (Gn 22, 1-19), Abraão detecta o mal estrutural em que está montada a sociedade de seu tempo e quebra o ciclo da violência que todos entendiam como

normal, justificando-a com um simples "sempre foi assim!" Abraão não se conforma com isso e ousa romper a *normalidade* alimentadora de ídolos.

Quem dera que na IV Assembléia Geral do Episcopado Latino-Americano fossem detectadas essas perspectivas contrastantes que se constituem na infra-estrutura que pauta a vida de nossa gente.

Há necessidade de mais espiritualidade encarnada. Daquela espiritualidade que se alimenta no Deus de Jesus: "Vim para que todos tenham a vida, e a tenham em abundância" (Jo 10,10). Tal espiritualidade não pode mais ficar restrita ao isolamento do mundo e de suas preocupações do dia-a-dia. Ao contrário — parte das necessidades concretas do outro.

Muitos dentre nós já perceberam que não há mais como seguir ao Deus da vida, anunciado por Jesus, optando pelos empobrecidos mas ficando longe deles e de suas preocupações. Ora, tudo isso implica em marginalização, em evidente afronta a quem defende os princípios do carreirismo. E, todavia, aquele é o caminho que Jesus nos indica. Não há outro para as religiosas e religiosos que lhe querem ser fiéis: "Urge que os religiosos, na prática, deixem de se solidarizar com as injustiças do sistema atual; que, em qualquer lugar onde estiverem. dêem — por seus espíritos, seus modos de vida e suas estruturas —, um testemunho claro de pobreza evangélica que, com a prudência do evangelho, busquem os caminhos para uma inserção solidária no mundo dos pobres para, a partir daí, contribuírem — mediante o testemunho de suas vidas e o serviço de seus trabalhos — para a autêntica libertação de nossos povos, segundo o espírito do evangelho... O sistema social dominante não perdoa àqueles que se atrevem a empreender esta caminhada com autenticidade... Porém, neste despojamento, redescobrimos a fidelidade ao Senhor" (7).

É tempo de solidariedade com esse Deus que promove a Vida e de oposição aos ídolos que promovem a morte (8).

3. A esperança, apesar de tudo

O quadro sombrio no qual milhões de pessoas foram induzidas a viver na América Latina, não nos faz desanimar. A fé nos move à esperança. Nossa inspiração é o programa de Jesus (cf. Lc 4,14-21): suscitar vida e liberdade junto aos empobrecidos. Ser agentes de esperança.

É a esperança cristã que nos permite crer na força emergente dos pobres e que o Reino é oferecido a eles. O credo que proclamamos revela que Deus se fez sensível ao clamor dos oprimidos, fazendo-lhes justiça.

"A incredulidade e a fé verificam-se na ação e se medem segundo as exigências de justiça e de amor surgidas de cada situação concreta.

Essas exigências sempre transbordam sobre nossas insuficientes respostas. Por isso a fé instaura no coração do crente um debate contínuo consigo mesmo, cujo propósito é suprimir os resíduos de uma persistente incredulidade prática. Crer, em perspectiva bíblica, engloba essa humilde lucidez que a consciência histórica estimula" (9).

Quem dera esta IV Assembléia Geral do Episcopado Latino-Americano possibilitasse a todos, a começar de nós religiosos e religiosas, o despertar ou aprofundar essa fé em perspectiva bíblica. Não seria bom se esse evento se prestasse apenas para comemorações, festas e congratulações mútuas entre herdeiros de vencedores e vencidos do passado. Nossa expectativa é a de que esta Assembléia traga a todos muita esperança, fundamentada na realidade histórica dos nossos povos e iluminada pela Palavra que é fonte de Vida.

A IV Assembléia Geral do Episcopado Latino-Americano poderá ser a oportunidade para reaquecer nosso coração de evangelizadores, oxigenando nossa opção de vida e trazendo-nos mais alegria evangélica graças ao que comunitariamente buscamos viver.

Concluindo

É preciso sonhar o sonho novo, projetado sobre as cercas e a miséria fabricadas, de quem *olha teologicamente* para frente conscientes das dificuldades do presente, mas também confiantes de que, unidos aos pequeninos, estamos iniciando, já agora, a sinalização do Reino de Deus, a partir do testemunho de nossas próprias vidas.

No âmbito da vida religiosa também é preciso despertar para se juntar àqueles que "sabem que o tempo está fugindo e descobrem, subitamente, a beleza única do momento que nunca mais será..." (10).

Que a IV Assembléia Geral do Episcopado Latino-Americano possa nos ajudar nesse sentido! Nosso desejo é o de que o delinear das grandes questões a serem discutidas em Santo Domingo tenham bem presente o aqui insinuado. E nossa esperança, contrária a muitas previsões negativas do presente, é a de que *de fato* o clamor dos empobrecidos chegue forte a Santo Domingo. Nesse clamor reside também a voz do Espírito. É preciso ouvir!

●

QUESTÕES para ajudar a leitura pessoal e em comunidade:

1. Por que o "clamor dos empobrecidos" deve ser visto nesta preparação para a Assembléia de Santo Domingo?

2. De onde provém, no tecido da vida, o sofrimento que gera tantos empobrecidos e "massas sobrantes"?

3. Que solidariedade pode ser proposta à vida religiosa diante do desafio da realidade latino-americana?

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

(1) **SEDOC**, Nov.-dez. 1991, pp. 299-315. (2) Cf. Ivone Gebara, "Hora de ficar -- dificuldades das religiosas na evangelização em meio a um povo empobrecido", in **VIDA PASTORAL** 160, set.-out. 1991, p. 2. (3) Cf. entrevista a nós concedida por Juvenal Arduini, "Fé encarnada na realidade", in **VIDA PASTORAL,** 154, set.-out. 1990, p. 18. (4) Cf. Gustavo Gutiérrez, "Teologia a partir do reverso da história", in **A força histórica dos pobres**, Vozes, Petrópolis, 1981, p. 245. (5) Novak, Michael, **Lo spirito del capitalismo democratico e il cristianesimo,** Ed. Studium, Roma, 1987, p. 467. (6) A respeito desses dois mitos, indico o excelente livro de Franz Hinkelammert, **La fe de Abraham y el Edipo Occidental**, DEI, Costa Rica, 1989. Nota citada: p. 18. A respeito disso, ver também Jung Mo Sung. **A idolatria do capital e a morte dos pobres.** Ed. Paulinas, São Paulo, 1989. (7) Gutiérrez, Gustavo, **Beber no próprio poço — Itinerário espiritual de um povo**, Vozes, Petrópolis, 1989, p. 137. (8) Ver a respeito disso **VIDA PASTORAL** 164, maio-junho 1992. Todo o número é dedicado a essa temática. Ainda a respeito desse tema, sugiro a leitura do excelente texto de Gustavo Gutiérrez, **Dios o el oro en las Indias,** CEP, Lima, 1989 (Este livro será publicado em português por Edições Paulinas em breve). Para visualizar o contraste entre os ídolos e o Deus da Vida na história latino-americana, especialmente na perspectiva dos negros e índios, ver Antônio Aparecido da Silva, "Cultura negra e evangelização" e José Oscar Beozzo, "Culturas oprimidas e evangelização" in **Curso de verão — Ano V,** Ed. Paulinas, São Paulo, 1991, pp. 91-109 e 110-150 respectivamente. (9) Echegaray, Hugo, **Utopia e Reino na América Latina**, Loyola, São Paulo, 1989, p. 15. (10) Alves, Rubem, **Tempus Fugit,** Ed. Paulinas, São Paulo, 1990, p. 11. □

João Paulo II: "Não esqueçais que a fé se fortalece e cresce precisamente quando se dá aos outros", Mensagem para a VII Jornada Mundial da Juventude; 1992, n.º 2. *Leitor*: A fé, alimentada pelo amor, suscita o testemunho. Transforma aquele que crê em apóstolo, combatente, bandeirante, pioneiro, catequista, missionário. Anuncia, combate, representa, conquista, amplia as fronteiras, santifica (*Pe. Marcos de Lima, SDB*).

Não vos desencorajeis

Quantas vezes sereis tentados a repetir com o profeta Jeremias: "Ah! Senhor Javé, não sei falar, porque sou ainda uma criança!" Mas Deus responde sempre: "Não digas: sou ainda uma criança porque irás aonde Eu te enviar" (Jer 1,6-7). Por conseguinte, não vos desencorajeis, porque nunca estais sozinhos. O Senhor não deixará de vos acompanhar, como prometeu: "Eu estarei sempre convosco, até ao fim do mundo" (Mt 28,20), *JOÃO PAULO II, Mensagem para a VII Jornada Mundial da Juventude, 1992, nº 4.*

EDUCAÇÃO POPULAR

INTUIÇÕES, TENSÕES E DESAFIOS

A Educação Popular é uma urgência, seja
enquanto permite a difusão capilar
do processo educativo, seja
enquanto faz dele
uma alavanca de transformação social.

Marcello de C. Azevedo S.J.
Rio de Janeiro, RJ

A educação no Brasil tem beneficiado apenas uma parcela diminuta da população. Ela o fez e o faz seja pela dificuldade de acesso econômico à oferta pedagógica de livre iniciativa (escola particular), seja pela escassez de vagas disponíveis e pela forte desistência dos alunos da escola estatal. Esta evasão se deve a causas complexas e de vária natureza, tanto por parte da sociedade, dos educandos e suas famílias, quanto pela baixa qualidade do ensino público. Numa e noutra forma de oferta educativa, a *escola* constitui o espaço prioritário. Na escola, o ensino ou instrução, isto é, a transmissão de conhecimentos do professor para os alunos, perdura como a principal mediação pedagógica. Deste conjunto resulta que a educação, bem efetivo de muitos poucos, tem se tornado um instrumento de consolidação e reprodução da organização social elitista, concentradora, discriminadora e, por isso, não democrática, representativa ou participativa, que é a sociedade brasileira.

Recentemente, têm surgido formas alternativas de educação, distinguindo-se a educação *formal* (a que se faz sistematicamente nas escolas) da *informal* (a que utiliza, de modo criativo e flexível, outras mediações pedagógicas). Em um país como o Brasil, de grande extensão territorial, de população ainda jovem e numerosa, de forte carência escolar e de educação concentrada, as formas alternativas de educação têm muita razão de ser. Elas podem tornar-se mesmo uma alavanca transformadora do quadro atual de per-

sistente analfabetismo, por um lado, e de deficiente educação geral do povo, por outro.

A chamada *educação popular* (EP) se destaca entre as formas alternativas de educação no Brasil. Ela apresenta já resultados apreciáveis e tem sido objeto de estudos e pesquisas, que sobre ela nos oferecem uma reflexão de qualidade e indiscutível alcance prospectivo e inovador.

Pretendo neste trabalho focalizar alguns traços da conceituação, dos conteúdos e proposta da *educação popular*, algumas características de sua metodologia, algumas intuições, tensões e desafios vividos em sua implantação e concretização. (*)

Conceituação

A EP é *indutiva e concreta*, isto é, ela parte da realidade das classes e setores populares e das pessoas que constituem essa realidade. Estas são, ao mesmo tempo, destinatárias do processo educativo e seu sujeito principal. Os interesses reais do grupo popular são a fonte primeira do impulso educador e o eixo em torno do qual ele gravita. A EP, portanto, dá-se conta de que os grupos populares e seus membros já possuem conhecimentos, procura resgatá-los e valorizá-los. Ela incentiva e ajuda as pessoas a reconhecerem e prezarem esses valores e esse saber, a distingui-los dos pressupostos individualistas e consumistas que lhe são praticamente impostos pela índole mesma e organização da sociedade. A EP não se preocupa por primeiro com um currículo definido e com os conteúdos de saber previamente estabelecidos e a serem transmitidos. Ela busca identificar as necessidades prementes que o próprio grupo experimenta e nas quais investe seu tempo e energia. Estas necessidades — do tipo alimentação, saúde, trabalho, educação, habitação, segurança e transporte — ou de aspectos parciais de uma ou várias destas e outras áreas, são condições de possibilidade para a realidade e qualidade humana da vida. Elas se tornam, pois, o ponto de partida e a plataforma de lançamento pedagógico da EP. Sua matéria prima é a percepção e o conhecimento do grupo popular em relação a esses interesses e necessidades prioritários e da vinculação dos mesmos com sua vida. O educador popular, portanto, privilegia a apreensão destes elementos e sua tomada de consciência pelos meios populares. Assim, na EP, o educando como o educador caminham lado a lado, um aprende do outro e ambos são efetivamente sujeitos do processo educativo.

---

*) Este trabalho é tributário do conteúdo e fluxo de reflexão e discussão do **Grupo de Formas Alternativas de Educação**, no **Seminário Nacional sobre Educação**, organizado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), nível nacional, de 15 a 18 de julho de 1991, em Cachoeira do Campo, Minas Gerais. Agradeço aos 36 membros deste grupo de trabalho, em grande parte portadores de uma vivência pessoal e de experiências muito diversificadas de educação popular, em várias regiões do Brasil.

A EP é a um tempo *individual e coletiva, pessoal e comunitária.* Ela é sobretudo *solidária.* Ela é individual, enquanto cada ser singular é levado em conta e tomado a sério. Mas ele o é no contexto coletivo de um grupo, de uma sociedade e de uma cultura. Nestas, ele se percebe sobretudo como participante de uma classe social empobrecida, discriminada ou marginalizada, subestimada e pouco ouvida ou quase nunca convocada a participar da organização e evolução da sociedade. Este ser individual e coletivo se vê também em relação com seus pares, com outros grupos e movimentos, com organizações e associações de todo tipo, catalisados pelos mesmos objetivos. Neste sentido, ele se torna pessoa, isto é, indivíduo em relação. A partir das múltiplas relações de que ele toma consciência, afirma-se uma solidariedade de fundo, que se pode expressar em múltiplas formas comunitárias: associações, sindicatos, partidos, comunidades eclesiais, etc. A EP articula assim a formação e construção da pessoa singular com seu papel e desempenho no contexto coletivo-comunitário. Esta dimensão é particularmente enfatizada, seja porque ela contrasta com o individualismo dominante na sociedade e na sua reprodução pela educação formal, seja porque a solidariedade é o pressuposto de uma presença e ação transformadora. Na EP, pois, o educando é sujeito individual-pessoal e coletivo-comunitário.

A EP é *transformadora* e *libertadora.* O ponto de partida da EP é a realidade do educando. Sua apreensão desta realidade leva à constatação das falhas e deficiências estruturais (concentração de poder e de riqueza, violência institucional, pobreza estrutural, opressão sócio-cultural e econômico-política). Diante deste quadro, a EP exige profunda transformação. Esta, por sua vez, se revela libertadora, enquanto cria condições de vida e de expressão autenticamente humanas, num amplo redesenho da própria concepção de sociedade, que há de ser mais verdadeira e solidária, mais livre e justa. A EP, portanto, não se compreende como guarda de um acervo de conhecimentos acumulados, nem como repetidora estática do passado e, menos ainda, como salvaguarda de privilégios. Ela se afirma como um processo dinâmico, no qual o conhecimento tem uma função questionadora construtiva. Ele a tem a partir do acesso reflexo do educando ao potencial dinâmico e evolutivo desse mesmo conhecimento e do novo saber que dele promana.

Conteúdos e proposta

O conteúdo fundamental da EP são a *vida* e o *ser humano* que vive. Todo o processo educativo, caracterizado acima na conceituação da EP, se desenvolve como afirmação ou busca da *vida* e, portanto, como superação e eventual eliminação das expressões de morte, presentes no contexto em que se vive. Dando prioridade ao *ser humano*, concretamente homem e mulher, como o referencial por excelência de toda

educação, a EP o percebe e situa em suas várias dimensões de possível manifestação da vida: individual, familiar, comunitária, social, cultural, política, econômica, religiosa... Em todas estas dimensões, o ser humano é compreendido como um ser de relações consigo mesmo, com os outros, com a natureza, com as cousas e com Deus. A EP visa a suscitar ao máximo este potencial de vida e a criar condições, pelo próprio sujeito individual e coletivo que se educa, de que esta vida se afirme sempre mais e anime a rede de relações humanas pelas quais se há de expressar.

A centralidade da *pessoa*, no plano individual como no comunitário, se traduz pela pedagogia dos *direitos humanos*, individuais e sociais, conteúdo fundamental da EP. Toda ela visa ao exercício pleno da *cidadania*, isto é, à expressão ética da consciência e da responsabilidade do indivíduo como do grupo pela qualidade humana da sociedade. Todo ser humano individual, tem, portanto, no seu contexto e na sua expressão social, um alcance *político*. A consciência e a formação desta dimensão política é um conteúdo e um objetivo incontornável de todo projeto pedagógico autêntico. Ele o é com mais razão na EP, porque esta implica a exigência de *transformação*, que supõe opções e decisões de cunho marcadamente político.

A EP enfatiza o conhecimento dos *processos históricos*, de curta e longa duração. Eles ajudam a situar e entender o presente e a pensar o futuro. Eles permitem intuir os mecanismos, os atores e as forças que configuram e direcionam os grupos e povos através dos tempos. Nesta perspectiva, a EP valoriza a dimensão *cultural*, fonte de identidade dos grupos, a ser respeitada, mas também corrigida e aprimorada, ao longo dos processos transformadores, necessários ao potenciamento da vida e de sua qualidade humana.

A EP privilegia o *novo saber* que surge do próprio educando, situado em seu quadro concreto sócio-cultural. Ela reconhece, no entanto, a importância de que o grupo popular, enquanto sujeito, tenha acesso ao *saber* e à *tecnologia* de toda ordem, acumulados e sistematizados pelo estudo, pesquisa e experiência dos homens e das culturas de todos os tempos. Mas a EP sublinha o caráter crítico e dinâmico que deve iluminar este contato do sujeito popular com a produção humana do saber e da técnica. Não se trata, pois, de apropriá-los passivamente, mas de relacioná-los, responsável e criativamente, ao aprimoramento qualitativo da sociedade e da cultura, em todas as suas dimensões e em função da vida e do próprio ser humano.

Metodologia

A metodologia é uma das características mais individuantes da EP. Ela marca bem o seu contraste com as modalidades tradicionais da educação formal. A EP é *participativa*. Ela o é na busca comum, pelo edu-

cando e pelo educador, da realidade e das necessidades concretas que são a matéria prima do processo educativo. A EP não aceita o direcionamento do processo pelo educador, mas ela rejeita um procedimento anárquico e puramente eclético, ao sabor espontâneo de reações improvisadas ou não bem fundamentadas. Pretende-se, pois, um sadio equilíbrio entre o educador e o educando, na consciência de que ambos aprendem e de que a nenhum se pode conceder por antecipação a garantia de verdade indiscutível ou inapelável. Nem dirigismo, nem basismo.

A EP deve ser, portanto, *dialogal.* É importante que na diversidade de pessoas e de grupos, haja condições de mútua aceitação, de respeito às opiniões e à diversidade, na abertura para o outro e para o diferente. Esta postura metodológica permitirá que cada qual seja o que é. Nesse clima, torna-se possível a expressão, o cotejo e até mesmo o confronto respeitoso de percepções, análises e interpretações diversas. Por aí assenta-se o alicerce de um trabalho em conjunto, fundamental na perspectiva da EP, particularmente em um mundo pluralista como o nosso.

A EP terá então como ser *dialética.* Em vez de aprofundar ou radicalizar conflitos, a participação e o diálogo lhe darão como superá-los, pela criação de sínteses novas. Surgirão perspectivas que se sobrepõem às marcadas diversidades anteriores ao diálogo, tomadas isoladamente ou só justapostas em seus aspectos positivos, na busca apenas de um compromisso que, por isso mesmo, será precário e provisório. A metodologia participativa, dialogal e dialética permite um constante retrabalhar do conhecimento, em sua relação com a vida, com o passado e o presente, com a história e com o futuro, que se quer construir, mais livre e justo, mais solidário e fraterno. Esta mesma disposição metodológica, porém, revela com maior precisão os conflitos efetivamente irredutíveis, onde não cabe neutralidade, mas, pelo contrário, exige-se a corajosa nitidez da recusa e da denúncia.

A EP se faz a partir de uma experiência vivida de *classe social,* consciente de ser discriminada e desvalorizada, empobrecida e oprimida ao longo do tempo. Esta percepção e consciência aponta para a necessária transformação. A EP se faz, pois, da classe para a classe, a partir da classe e a serviço da classe. Esta consciência lhe dará conotações específicas no processo pedagógico, identidade no relacionamento com as outras classes e clareza, na busca coerente dos objetivos de transformação. A consciência de classe não precisa trazer consigo necessariamente uma atitude de luta de classes ou de rígida confrontação. Mas ela certamente permite captar, nas diversas classes, interesses precisos, ideologias de fundo, mecanismos e estratégias de influência. Sem esta percepção e sem atitudes tomadas em conseqüência, perpetua-se inconteste a dominação hegemônica de uma clas-

se e a discriminação compulsória das classes populares, maioria esmagadora da humanidade. É precisamente na educação e através dela que a dominação de classe encontrou seu principal instrumento de implantação e continuidade. A EP quer ser uma contrapartida, não na linha de uma ditadura do popular, mas na construção justa e fraterna de um mundo livre, pela participação de todos, no pleno exercício de seus direitos e no responsável desempenho de seus deveres.

A EP parte da realidade concreta do educando. Como são múltiplas as realidades dentro de regiões, estados e do país como um todo, é necessário definir as linhas mestras das propostas educacionais, que serão distintas em função das realidades diversas. É igualmente indispensável estabelecer critérios de avaliação da EP neste nível diferenciado de concretização e não só em plano genérico. A metodologia da EP inclui, portanto, a dinâmica do *ver-julgar-agir-avaliar* como a do *agir-refletir-avaliar-agir*.

Intuições e tensões, impasses e desafios

Tudo o que ficou dito acima, em termos de conceituação, de conteúdos e metodologia da EP, deixa claro a riqueza e o alcance de suas *intuições*. Revela, sobretudo, sua força criativa, ao reorientar, com originalidade, uma práxis pedagógica elitista e impositiva, quase tão antiga quanto a mesma humanidade. A marca patriarcal da organização familiar e social e a transmissão dos acervos culturais de geração a geração ao longo da história, não se tornaram possíveis senão pelo processo de educação que lhes assegurava a reprodução em boa parte a-crítica e inquestionada dos mesmos princípios e pressupostos. Não deve surpreender-nos, pois, que haja uma tensão de fundo entre estes dois paradigmas de educação: a formal sobretudo escolar e a informal, principalmente a popular. Há ainda um caminho longo para definir as relações entre elas e as respectivas conseqüências sobre o universo sócio-cultural a que querem servir. É certamente fecundo e salutar que uma se deixe questionar pela outra.

Mas há também *tensões* inerentes à própria EP. Ela surge e se desenvolve dentro de um contexto social e cultural concreto. Aí atuam forças políticas e econômicas contrastantes e marcadas pelos conflitos próprios da modernidade como cultura e do processo tecnológico de modernização, com seus impactos humanos e com suas exigências de modelos específicos de desenvolvimento. É indispensável, pois, que a EP busque clareza em suas relações *internas* (com ela mesma e com o meio popular) e *externas* (com as instituições e práticas da sociedade). Vamos destacar quatro destas relações.

a) *Relação educador-educando.* A EP se caracteriza por uma interação de igualdade, reciprocidade e abertura na relação educador-educando. Ela quer, portanto, alterar e supe-

rar a tradicional relação vertical da educação formal. Entre os próprios educandos, para além das relações horizontais, a EP enfatiza a dinâmica de solidariedade e não de emulação individualista. Esta relação é fundamental na estrutura da EP e indispensável à consecução de seus objetivos transformadores.

b) *Relação educação popular-educação escolar.* Apesar da diferença de concepção e de metodologia, os dois paradigmas precisam um do outro. A educação *formal* poderá enriquecer-se com as orientações metodológicas da EP. Poderá também encaminhar-se para uma consciência maior de sua responsabilidade social e cultural para além dos muros da escola, na educação para a cidadania e na superação de um conceito centrípeto e individualista ou puramente tecnicista do saber. A educação *popular,* por sua vez, precisa dos conhecimentos gerados no contexto escolar para transmiti-los oportuna e convenientemente aos seus educandos. As instituições escolares e acadêmicas têm sido sede da pesquisa sistemática e da classificação e acumulação do conhecimento humano, indispensável também às classes populares. Não é fácil estabelecer esta relação e implementar o acesso ao conhecimento. Isto se torna tanto mais relevante, quanto a passagem da tradição oral à tradição escrita, desta à tradição impressa e audiovisual, desta à recente era da comunicação e informação informatizada representa saltos qualitativos tecnológicos imprescindíveis à mesma transformação social objetivada pela EP. Em um país como o Brasil, com um imenso contingente não educado formalmente, a EP é uma urgência, seja enquanto permite a difusão capilar do processo educativo, seja enquanto dele faz uma alavanca de transformação social. Neste sentido, uma escola pública de cunho popular é meta natural da própria EP. Ela educa para a vida a partir da vida e inserindo diretamente na vida. Este resultado importante do processo educativo não justifica a postura de superioridade da escola. Esta tende a cobrar do educando popular uma expressão erudita do saber que ele nem sempre pode ter. No entanto, o educando popular pode contribuir decisivamente para o aprimoramento da sociedade, precisamente através desta integração de um saber dinâmico e existencial com o desempenho responsável de sua profissão e cidadania. Não passará talvez por aí uma desejável nova síntese dialética, em vez de fácil ruptura de paradigmas pretensamente incomunicáveis?

c) *Relação entre EP, Movimentos Populares e Partidos Políticos*

Durante os vinte e um anos de governos autoritários no Brasil, houve uma perda substancial de representatividade e de participação popular na vida nacional. A relação ao poder, negada ao povo ao nível das instituições do Estado, filtrou-se, nessa época, através de modalidades informais do exercício do poder, tais como as associações de moradores, de bairros, as hortas comu-

nitárias, as pequenas cooperativas, as comunidades de base, inúmeras formas de mutirão, etc. Os chamados *movimentos populares* foram talvez o catalisador mais fecundo deste poder oficialmente negado ao povo, mas nele presente, emergente e atuante. Todos eles nasceram, em geral, de necessidades concretas do meio popular. Seu modo de proceder se inspira dos mesmos pressupostos da EP. Esta, aliás, constitui expressão pedagógica e fonte primeira tanto da educação do povo para suas reivindicações e lutas, quanto da formação e aprimoramento de suas lideranças naturais. Existe, pois, uma relação metodológica e instrumental entre movimentos populares e EP.

O incremento da EP junto aos *Movimentos Populares* teve como uma de suas principais conseqüências a formação de lideranças populares, atuantes nas várias comunidades e associações. Depois da volta da sociedade brasileira às condições democráticas, foi natural o recrutamento desses quadros populares pelas organizações *sindicais e político-partidárias*. Há, portanto, uma vinculação de fato, embora não institucional, entre a proposta e a realização da EP e essas instâncias de serviço e expressão das classes populares: os *movimentos populares, os sindicatos e certos segmentos de partidos políticos*. Pode-se mesmo dizer que a EP estará preenchendo um de seus objetivos na medida em que capacitar pessoas para o exercício de sua cidadania ao nível significativo da ação política e sindical, mediações institucionais da sociedade democrática.

É fundamental, contudo, que cada uma destas instâncias mantenha sua identidade e atue autônoma e subsidiariamente de acordo com ela, sem se confundirem nem em seus objetivos, nem em suas práticas. É importante, sobretudo, que a EP salvaguarde sua independência como instrumental pedagógico e não se deixe manipular por interesses ou imposições de facção que fazem parte da ação político-partidária e se manifestam também, por vezes, nas políticas sindicais. Deve-se ter presente que a EP, por ser alternativa ao paradigma predominante e vigente, precisa ter claramente explicitados os seus objetivos e as suas mediações, para poder manter sua identidade ao longo do relacionamento com outras instâncias. Essa desejada independência, por sua vez, tem uma dupla conseqüência. Primeiro. que a EP normalmente conduz a uma posição crítica que mexe com todo tipo de sistema dominante. Isto leva a uma distância e relutância compreensíveis das forças no poder em relação à EP. Segundo, como instância crítica, a EP mexe também com forças de oposição — sindicais, partidárias e outras — cujo intento seja a conquista do poder, sem uma clara qualificação ética dos meios e métodos. A tendência normal será a de um envolvimento ou cooptação da EP por um ou por outro lado. Esse risco bem real, sobretudo o segundo, não deveria levar à desconfiança ou descrédito em relação ao esforço

real e coerente de uma EP comprometida com a transformação da sociedade a serviço das classes populares. Um constante e lúcido esforço de avaliação se torna, pois, necessário ao exercício da EP e à sua práxis pedagógica.

d) *Relação entre EP e Igreja*

A Igreja Católica no Brasil foi, durante os anos de governo autoritário, a voz dos que não tinham voz. Esta mesma fase de nossa história aproximou muito a Igreja das classes populares e revelou-lhe mais claramente a incompatibilidade entre o projeto evangélico e elementos fundamentais do projeto e da práxis do sistema de poder implantado em nome da ideologia de segurança nacional, com suas conseqüências de ordem política, econômica e social.

As Assembléias Episcopais Latino-Americanas de Medellín e Puebla e os planos pastorais da CNBB, no Brasil, orientaram decididamente o trabalho pastoral da Igreja Católica, em diversos níveis e instâncias, no sentido dos pressupostos da EP. A Igreja se fez ela mesma sujeito e promotor privilegiado desse processo pedagógico. Isto se manifestou particularmente na metodologia de formação e evolução das Comunidades Eclesiais de Base (CEB), no Movimento de Educação de Base (MEB), na Campanha da Fraternidade e, particularmente, nas pastorais específicas em relação aos índios, ao negro, aos meninos de rua, etc.

É natural, portanto, que a relação EP-Igreja constitua um ponto nevrálgico. Passada a época da repressão e abertos os canais de participação democrática, a Igreja hierárquica deve reduzir seu espaço de suplência direta. Ela deve, porém, apoiar e potenciar a EP que, precisamente, cuidará da formação de cristãos, leigos sobretudo, que assumam na sociedade a parte de responsabilidade que lhes compete, em base aos pressupostos da EP, tão profundamente marcados por princípios e atitudes evangélicos. Isto supõe que a Igreja institucional assuma e concretize sempre mais a *opção profética, solidária e preferencial pelos pobres,* assim como esta se deve manifestar no espaço propriamente religioso mas, não menos, nos outros âmbitos da atividade humana, social, cultural, econômica e política.

A EP, portanto, especialmente quando trabalha com católicos, deverá explicitar a *fé,* anunciar o mistério cristão na sua totalidade, celebrar o dom de Jesus Cristo e a caminhada do Povo de Deus no continuar sua missão, construindo na história o Reino. Esta *fé* se afirmará numa dinâmica de comunhão e participação, sustentada pelo amor. Ela se nutrirá também do impulso da *esperança,* fundamental para o sujeito individual e comunitário da EP, tão marcado pelo sofrimento e pela injustiça. Neste sentido, a EP pode contribuir para que o povo supere lucidamente a sua perplexidade e confusão, sem recurso a soluções pseudo-religiosas, sectárias ou

alienantes, que tanto impedem ou paralisam o seu crescimento.

A EP espera também da Igreja Católica como um todo a retaguarda necessária para a promoção e o acompanhamento junto ao Legislativo e ao Executivo de projetos de lei e/ou de decisões políticas e administrativas que contribuam efetivamente para a transformação estrutural ou conjuntural da sociedade, principalmente quando afetada a imensa maioria da população nacional, que é pobre e não adequadamente representada em seus interesses.

Através da articulação destas dimensões, a religiosa e a sócio-cultural, econômico-política, a Igreja estará iluminando e apoiando um projeto pedagógico popular realista. Ela estará contribuindo para uma integração crescente entre *fé e vida,* através da vinculação entre *fé e cultura* (*inculturação*) *e fé e sociedade* (*libertação*). Na medida em que este conjunto inspira e traduz um autêntico processo de evangelização, pode-se dizer que a EP é uma válida mediação evangelizadora, atual e concreta em nosso contexto histórico.

Dada a forte presença feminina nos movimentos populares, na condição de educadoras e de educandas, é importante que a Igreja se abra sempre mais para o reconhecimento e a valorização da *mulher* e lhe dê o espaço e o apoio necessário à sua missão pedagógica. Em relação à presença de leigos, tanto dentro da ação pastoral, como sobretudo no plano de sua participação efetiva nos movimentos populares, nos sindicatos e nos partidos políticos, há alguns aspectos difíceis e delicados. A Igreja hierárquica deve reconhecer e valorizar os leigos na ação pastoral nos termos subsidiários da vocação eclesial específica do laicato, em meio às demais vocações na Igreja. A crescente formação de lideranças leigas a serviço da EP irá substituindo ou equilibrando a presença de agentes de pastoral, clérigos ou religiosos, e garantindo assim uma continuidade a partir das próprias comunidades servidas pela EP. Mas, além disso, é fundamental que aos leigos seja reconhecida a justa iniciativa e responsabilidade sindical ou política, no desempenho autônomo e maduro de sua cidadania, sem recurso institucional a uma tutela hierárquica.

Conclusão

Com este trabalho quis contribuir para conceituar a *educação popular* e melhor formular e equacionar o seu alcance e conseqüência, na atual realidade do Brasil.

De quanto foi dito, fica claro que a *educação popular* é uma das formas de educação informal e constitui um *paradigma pedagógico* diferente e alternativo em relação à educação escolar formal. Distingue-se desta em sua concepção e metodologia e em seus objetivos e mediações. Distingue-se mesmo quando a educação escolar formal se ocupa

de uma população estudantil oriunda das classes populares ou a elas vinculada, como é o caso da escola estatal, por exemplo, federal, estadual ou municipal e de muitas escolas particulares, confessionais ou não. Não é, pois, a classe social do educando que define a *educação popular,* embora seja um dos componentes e requisitos de sua existência.

A implantação e sobrevivência da *educação popular* em grande escala e para a maioria efetiva de nossa população depende de *dois fatores* sobretudo. O *primeiro* é o recrutamento, treinamento, formação e reciclagem do educador em todos os níveis: técnico-profissional, humano integral e bíblico-religioso, teologal-teológico, no caso de escola popular cristã e/ou especificamente católica. O *segundo* é a remuneração condigna e o financiamento adequado de todo o conjunto da *escola popular.* Este não se pode limitar a ajudas substanciais mas esporádicas de agências internacionais de ajuda. Requer o reconhecimento pelo Estado da *educação popular* como mediação pedagógica adequada e a correspondente e proporcional alocação de recursos para sustentá-la, em igualdade de condições com a educação escolar formal. Já vimos que há aí um impasse devido à índole crítica da EP. Urge estudar como equacioná-lo e superá-lo. Requer também o reconhecimento e o compromisso explícito da Igreja, de modo a sustentar um esforço continuado e objetivo, em vista da difusão, implantação e manutenção da *educação popular.* Vimos também onde se situam os estrangulamentos. Em relação a esses dois fatores imprescindíveis estamos ainda apenas no início de um processo.

Finalmente, fica bem clara a dificuldade de cunho propriamente estrutural que é a interrelação entre os dois paradigmas de educação. Como valorizar na *educação escolar formal* aspectos válidos da concepção e da metodologia da educação popular. Como abrir a educação popular para o acesso ao saber acumulado e sistematizado, indispensável tanto para a formação completa do educando singular e coletivo, pessoal e comunitário, como para a especificação de uma educação integrada à realidade sócio-cultural concreta na qual e para a qual se forma este educando.

●

QUESTÕES para ajudar a leitura pessoal e em comunidade:

1. Como podemos, a partir do texto, conceituar educação popular? Quais suas características?

2. Que traços marcam a metodologia própria da educação popular?

3. Das tensões inerentes à educação popular, quais você observa existirem onde se situa sua comunidade religiosa? □

UMA CATEQUESE RUMO A SANTO DOMINGO

Jesus Cristo é a espinha unitária de toda educação da fé. O objeto central e primordial da Catequese é o Mistério de Cristo. Catequizar é levar a perscrutar este Mistério.

Frei Bernardo Cansi, OFMCap
Therezinha M. L. Cruz
Brasília, DF

Grande acontecimento favorável à catequese inculturada é o IV CELAM, que acontecerá em São Domingos, na República Dominicana. A catequese foi em todos os missionários europeus a preocupação básica. Contudo seus métodos, expressões nem sempre respeitaram a cultura dos ameríndios, dos negros. Seu ardor foi invejável e heróico.

A educação da fé, o encaminhamento à liturgia, aos sacramentos, aos ritos e festas do ano litúrgico, às devoções aos santos etc., especialmente a educação e orientação para a Confissão, foram pontos sempre presentes à Catequese. Mas é necessário, agora, rever os métodos, as expressões, símbolos, linguagem, ardor. Os 500 anos de evangelização sugerem uma retomada da avaliação crítica, sincera e transformadora. E a catequese também deve passar pela confrontação com o Evangelho e a cultura de nossos povos, particularmente as culturas que até agora foram consideradas "subculturas" ou expressão dos menos letrados, dos "ignorantes" e desescolarizados.

O esforço constante da catequese e dos catequistas é enfocar os valores existentes nas culturas, realizando, com amor, as purificações e aperfeiçoamentos das mesmas. Deve haver o anúncio claro, alegre da Ressurreição, do desabrochar vigoroso, aberto, revelador de tudo o que a Trindade cultivou desde o nascimento de cada cultura. Deus é o eterno lavrador (cf. Jo 11,1). Nós, catequistas, somos aqueles que regam "estas sementes" de bem, de justiça, de humanismo, diálogo, respeito, fraternidade, partilha existen-

tes no terreno fertilíssimo das culturas.

É com esse objetivo que enviamos a muitos catequistas do Brasil um apelo para que estejam atentos, especialmente os Religiosos e Religiosas, às culturas locais. Bom seria que os religiosos fossem os primeiros a mergulhar nas profundezas dos bens que Deus depositou e educou nos povos.

Aqui colocamos apenas, resumidamente, alguns aspectos que não poderiam estar ausentes nesta CAMINHADA Rumo a Santo Domingo.

1. Catequese bíblico-cristocêntrica

A Palavra de Deus é sustentáculo e vigor para a Igreja, firmeza na fé para os fiéis, alimento da alma, perene e pura fonte de vida espiritual; é viva e eficaz, poderosa para edificar e dar herança para todos os santificados; desperta a fé nos corações dos fiéis (cf. DV 21, PO 4). É fonte principal da catequese e deve ser lida no contexto da vida, à luz da Tradição e do magistério da Igreja (cf. Puebla, 981;1001; Doc. de Consulta, nº 565; D.C.C. — 14).

Jesus Cristo, centro das Escrituras, é a espinha unitária de toda a educação da fé. O objeto central, essencial e primordial da Catequese é o "Mistério de Cristo". Catequizar é levar a perscrutar este Mistério (cf. CT 5; Ef 3,9.18s; D.C.G. — 39-40).

Devido ao vigor da religiosidade, marca forte da cultura Latino-Americana, as manifestações populares, como romarias, peregrinações devem ser impregnadas da Palavra de Deus (cf. Med 1,12). A pastoral bíblica é fortaleza e vivência da fé, da esperança e da caridade no povo de Deus.

2. A dimensão pessoal-comunitária-transformadora da catequese

São três aspectos importantes da Revelação divina. Uma interligada a outra. A pessoa é chamada à conversão e à fé através da Palavra de Deus. A vivência da fé tem seu lugar próprio: a comunidade cristã, que se torna fonte, lugar, meta da catequese. A catequese corre o risco de se esterilizar sem a comunidade acolhedora (cf. CT 24). Na cultura da modernidade, a acolhida da pessoa, as respostas às grandes inquietações é uma necessidade e um dever da Igreja. A valorização da pessoa, da cultura, da integração comunitária é meta importante da Catequese.

Para vencer o individualismo, o egocentrismo, os ídolos da posse, do poder, do prazer, é essencial iniciar os cristãos à vida de comunidade.

O compromisso com os mais necessitados, com a Justiça e o Direito são frutos de uma catequese que leva à conversão e à experiência de Deus em comunidade. O Direito e a Justiça são características do Messias, pois, ele as ama (Sl

33,5) e são sinais de uma catequese consciente. "A busca cristã da justiça é uma exigência do ensinamento bíblico (Med 1,5) e catequético. A justiça e o amor são exigências da conversão do AT e NT (TLII 6-11).

3. Catequese evangelizadora

Diante da cultura de dominação, de massa, que elimina as culturas populares, é necessário que a catequese gere a libertação integral do latino-americano (EN 25-33; Med 2,3). É preciso dar o pão e a Palavra, sem separá-las e sem opô-las (cf. TL VI,3). Para ser catequese evangelizadora deve respeitar e plenificar a sede e a fome de Deus que as culturas apresentam. Uma catequese evangelizadora acontece nas culturas, com a valorização dos bens, do humano e do bom nelas enraizados. A catequese autenticamente evangelizadora assume com ardor e entusiasmo os valores nela existentes e os faz crescer e amadurecer ainda mais com o anúncio da Ressurreição de Cristo.

4. A opção preferencial pelos empobrecidos

Sem excluir os jovens nem a classe média, a opção pelos pobres é evangélica e cristã. A catequese na América Latina, diante das doenças, marginalização, fome, carências, miséria, que são uma realidade escandalosa (P 1154), deve optar, como fez Jesus, pelos excluídos dos sistemas e das comunidades. A catequese e a evangelização dos pobres é sinal do Reino e da autenticidade da ação da Igreja. O catequista deve ser apto a denunciar e a conhecer os mecanismos geradores da miséria (P 1264) e a organizar a comunidade a superá-los. Os pobres, não só crianças, são os prediletos do catequista e de Deus (P 1143). Os educadores da fé têm como meta o respeito, o carinho para com as manifestações e expressões culturais dos pobres, vendo nelas Deus se manifestando e sendo amado. Tenha o catequista uma "conatural capacidade de compreensão afetiva" (P 397), carregada de amor, para captar os gritos, aspirações e esperanças dos pobres, com uma catequese com métodos, conteúdo, linguagem adequados à cultura dos pobres. Acompanhará e será solidário aos pobres das periferias das cidades que sofrem a crise de sua fé e de sua cultura (cf. P 397).

6. Catequese com interação fé e vida

Fé e vida das comunidades são conteúdos da catequese. Uma não deve opor-se à outra. Devem interpelar-se, interagir criticamente e mutuamente, gerando o povo de Deus, sinal do Reino. "A Revelação não está isolada da vida, nem justaposta a ela de maneira artificial" (CT 22). Os "catequistas são educadores do homem e da vida do homem, na fé" (idem). A mensagem deve ressoar, permanentemente, ao longo da caminhada da comunidade cristã. O dualismo en-

tre fé e vida é um dos graves problemas que a catequese deve superar.

"Este divórcio entre fé professada e a vida cotidiana de muitos deve ser enumerado entre os erros mais graves do nosso tempo" (GS X,43; Is 58,1-12). "Deve-se manifestar sempre a unidade profunda que existe entre o plano salvífico de Deus, realizado em Cristo, e as aspirações do homem; entre a história da salvação e a história humana" (DGC 8). "As situações históricas e as aspirações autenticamente humanas constituem parte indispensável do conteúdo da catequese" (Med 8,6). O engajamento do catequista no meio dos pobres, como fez Jesus com os galileus, faz parte do conteúdo da catequese.

7. Catequese de adultos

A prática de Jesus de escolher, de conviver, de educar, de enviar adultos para a missão apostólica (cf. Mt 10), é modelo para o catequista latino-americano no campo da educação da fé. A catequese comunitária de adultos é a catequese referencial. Educar adultos, homens e mulheres, na fé, na esperança, na caridade, na justiça, na solidariedade, em todas as virtudes evangélicas, é tarefa primordial da Igreja. Despertar a fé que conduza à celebração litúrgica, ao empenho transformador, à formação de comunidade é imprescindível em nossa realidade latino-americana, em que os adultos são os principais protagonistas nos campos da economia, da política, na cultura, na igreja. Sem os adultos é impossível realizar uma ação catequética profunda e permanente. "Os deveres da vida social, as responsabilidades familiares, profissionais, civis e políticas exigem dos adultos o aperfeiçoamento da formação cristã à luz da Palavra de Deus de uma maneira que corresponde à sua situação concreta (DCG 92; AA 29-32) e segundo seu modo de ser, viver, crer, história, cultura. Bem feita, a catequese de adultos torna mais fácil a educação da fé dos jovens e das crianças. É urgente, na América Latina, que os leigos assumam sua função como cristãos, com seus direitos e deveres (Cf. CDC 224-231). Sem clericalizá-los os leigos são a maior força, indiscutivelmente, da catequese. "Esta é a principal forma de catequese, porque se dirige a pessoas que têm as maiores responsabilidades e a capacidade para viverem a mensagem cristã na sua forma plenamente desenvolvida" (CT 43). Na América Latina é preciso que o esforço dado à catequese das crianças seja feito em favor dos adultos.

8. Catequese evangelizadora da religiosidade popular

A Piedade Popular, "alma de nossos povos" (P 895), com seus elementos positivos e negativos, com seus imensos desafios, com suas expressões e modos novos de ser vivida pelos pobres é expressão forte de fé, de esperança e de caridade da América Latina (P 454-468). Há necessidade de catequese permanente. "É preciso alimentar espiritualmente o povo com alimento que

possa assimilar, como é o que a religiosidade popular lhe oferece. É indispensável, porém, ajudá-lo com uma catequese que acompanhe as expressões da religiosidade popular, a aprender seu correto sentido e chegar a descobrir nelas e por elas a mensagem central do Novo Testamento" (Doc. de Consulta, nº 475).

O catequista é convidado a ajudar os liturgistas a organizar a celebração da fé com símbolos litúrgicos inculturados e a dar um novo e mais profundo sentido aos gestos, atitudes que o povo costuma ter na religiosidade popular.

A linguagem da religiosidade popular é geralmente simbólica, não-verbal. É necessário que o educador da fé entenda, reconheça a linguagem dos simples, dos pobres. Sem isto, poderá ser infiel ao povo, aos pequeninos e tornar-se um estranho no meio do povo, com uma catequese incomunicável e incompreensível, obscura; pois seria um erro irreparável qualquer ação pastoral que não reconhecesse o valor, a força, o canal amplo e o alimento que a religiosidade popular oferece às comunidades (cf. idem). Que o catequista não confunda catequese autêntica com o resgate puro e simplesmente folclórico da cultura, mas que seja feita uma catequese educadora da fé e evangelizadora e de libertação integral do povo.

9. Catequese integrada na pastoral de conjunto

A catequese não é departamento à parte da Pastoral de Conjunto. A dimensão catequética ilumina e age em toda a pastoral de conjunto. Há catequese litúrgica e aspectos catequéticos na liturgia. Na ação missionária, sócio-transformadora, no ecumenismo e em todas as dimensões da pastoral, a catequese tem uma função educativa da fé, da esperança, da caridade. Todas as pastorais, os movimentos, associações, grupos de ação, movimentos populares precisam ser educados na fé, obtendo visões profundas de Cristo, do Reino, da Bíblia, da Liturgia, do processo catequético. É difícil construir e acompanhar processos pastorais, planejamentos, objetivos de ação pastoral sem a ação da catequese bem organizada e assumida por todos como prioridade de toda a ação eclesial.

Uma atividade catequética não poderá esquecer que ela deve levar a uma sempre melhor e mais comprometida participação na vida litúrgica, uma consciência e empenho missionário, a um comprometimento comunitário no social, na mudança da sociedade. A catequese não é apenas tarefa de um grupo, mas de todos os cristãos, particularmente daqueles que se empenham em formar o povo de Deus e educá-lo em comunidade. O catequista conscientiza que toda a Igreja é responsável pela educação da fé. É um direito e um dever da Igreja (CT 14). Deve haver muitos catequistas, porque poucos são os presbíteros? A catequese não deriva da Ordem, mas do Batismo. A vocação catequética é de todos. Por isso devem existir as comunidades catequi-

zandas e catequizadoras. A Igreja toda, até os velhinhos, os deficientes, é catequista. A catequese faz parte de "um corpo orgânico e, portanto, deve estar integrada à pastoral de conjunto, a fim de que não seja força dispersiva" (cf. Decat. "Catequese na América Latina" — EP 1986, p. 158).

10. Catequese permanente

A Catequese não é simplesmente esporádica e episódica, mas é permanente. Ela atinge a vida toda, a fé plena e total e todas as faixas etárias, particularmente a do adulto. Atinge a vida toda, todos os fatos, coisas, acontecimentos, situações, culturas; atinge toda a vida, desde o nascer até o último instante antes da morte. É sempre tempo de escutar, acolher e viver a Palavra de Deus. Somos um terreno capaz de acolher a semente da fé e produzir frutos a vida inteira. A catequese permanente já é uma conquista na mentalidade dos catequistas, contudo há falhas quanto a sua aplicação, pois, muitos a entendem apenas como aprofundamento de conteúdos doutrinários e não como processo educativo, aprofundado, amplo do conhecimento e da vivência do mistério de Cristo, do Reino, da Igreja, da história, da realidade (cf. Doc. de Consulta, nº 564).

Saber gastar economias, energias, recursos de pessoas e de todo tipo de recursos para organizar adequadamente a catequese permanente nas comunidades da América Latina é uma urgência das mais sérias e gritantes na pastoral global do Continente, das Conferências Episcopais, dioceses e comunidades de base.

As escolas, institutos, centros de formação de catequistas têm o dever de inspirar, exercitar e mostrar pistas concretas de como a catequese permanente encontra auxílios, caminhos, métodos e como pode processar-se em cada local ou região. "Para ser eficaz, a catequese tem de ser permanente; ela baldar-se-ia, quase certamente, se parasse no começo da maturidade" (Cf. CT 43).

11. Catequese e ensino religioso

O relacionamento entre catequese e Ensino Religioso é profundo. Mas um não é o outro. Alguns confundem o papel de um e de outro. É preciso reconhecer que o Ensino Religioso deve respeitar o lugar em que se encontra: a escola, hoje pluralista em aspectos ideológicos, políticos, culturais, religiosos. Enquanto a catequese efetua-se em ambiente de fé comum, o Ensino Religioso acontece com pessoas de múltiplas e variadas opções religiosas. Este ambiente não é, normal e pastoralmente falando, o lugar da catequese, que deve ser dada nas comunidades confessionais.

É preciso que se debata em âmbito continental a identidade do Ensino Religioso ou melhor educação religiosa, seus agentes, suas fontes, seus métodos, linguagem, metas, processos, pedagogia, meios pedagógicos, conteúdos, remuneração dos

agentes. Ainda são escassas as orientações pastorais do Continente referentes a Ensino Religioso inculturado nas escolas públicas, gerando diálogo entre fé e ciência (cf. P. 1040). O papel da universidade católica, bem como dos colégios católicos, deverá ser luz e fermento de uma cultura voltada aos problemas concretos do povo, auxiliando e incentivando pesquisas que venham libertar integralmente os marginalizados e transformar a cultura como um bem ao alcance de todos, particularmente dos menos favorecidos. Ajudem e patrocinem currículos, debates, seminários, congressos, onde as camadas populares tenham voz e vez e possam expressar sua cultura com liberdade e respeito.

12. Formação de catequistas, especialmente de sacerdotes

A formação de catequistas autênticos, competentes educadores da fé, é uma urgência na América Latina. Há milhões de leigos e leigas esperando de mãos abertas a mensagem de que precisam para educar as comunidades e as famílias, as CEBs, os grupos, os movimentos. Os institutos ainda são poucos diante de tanta necessidade de formação.

O aprofundamento do mistério de Cristo, da Igreja, das Escrituras, dos conteúdos da fé e da vida é uma das mais constantes solicitações que vêm das comunidades. Os sacerdotes, os seminaristas, diáconos, ministros, profetas da Palavra, agentes de pastoral de todos os níveis são convidados a aprofundarem com afinco as novas exigências, as fontes (CT X), o conteúdo (CT 26-34), os métodos, as vias e meios (CT 46-50). A passagem do Catecismo para o processo permanente, progressivo, gradual da Educação da fé está a exigir maior formação e empenho por parte dos pastores, Bispos, sacerdotes, seminaristas, religiosos.

A formação de catequistas é sinal do Espírito Santo e exige criatividade, empenho de forças, capacidade, carismas e de muita aplicação e paixão. "O vosso papel principal há de ser o de suscitar e de alimentar nas vossas Igrejas uma verdadeira paixão pela catequese; uma paixão, porém, que se encarne numa organização adaptada e eficaz, que empenhe na atividade as pessoas, os meios e os instrumentos e também recursos financeiros necessários" (CT 63). Temos, pois que renovar diariamente a confiança e o amor à catequese, como tarefa prioritária de toda a Igreja. A Igreja "é convidada a consagrar à catequese os seus melhores recursos de pessoal e de energias, sem poupar esforços, trabalhos e meios materiais, a fim de a organizar melhor e de formar para a mesma, pessoas qualificadas" (CT 15). Para que isso aconteça, é preciso que os presbíteros e pastores gastem substancioso tempo para averiguar a catequese e inculturá-la, tornando-a a fonte de uma Igreja apostólica, consciente e comunitária, sinal e testemunho do Reino definitivo. Isto é o que uma catequese assumida

como prioridade pastoral faz acontecer.

13. Catequese latino-americana, inculturada

Nem sempre os missionários conseguiram fazer uma catequese inculturada, isto é, acolhedora da cultura dos catequizandos, dos índios, negros, dos pré-colombianos. A demasiada acentuação na doutrinação, sufocou as mensagens que Deus havia semeado nas culturas ameríndias. Não há catequese senão dentro e numa cultura. Sem a cultura a catequese é inexistente. O respeito e a própria cultura fazem parte do conteúdo da catequese. É dever do catequista conhecer, desenvolver e purificar as culturas de suas falhas ou erros.

A catequese da América Latina está a busca de seu próprio rosto. Necessita mergulhar em profundidade nas culturas para poder desenvolver-se, crescer e frutificar. Muita catequese na América Latina foi confundida ou identificada com a cultura européia e não pode gerar frutos por longo tempo. A Nova Evangelização, a Promoção Humana e a Cultura Cristã tem uma tarefa enorme na catequese inculturada: a de deslanchar a inculturação no global da Igreja e em todas as suas tarefas e pastorais. A Liturgia precisa inculturar-se, bem como a teologia, a pastoral, a espiritualidade, a formação dos presbíteros, a paróquia, a eclesiologia. Sem uma inculturação geral da Igreja Católica como pode acontecer e frutificar devidamente a catequese inculturada? Não pode apenas inculturar-se somente a catequese. Ela requer uma inculturação global de toda a Igreja.

●

QUESTÕES para ajudar a leitura pessoal e em comunidade:

1. Dos sinais indicados nos números 1 a 10, quais aqueles que são mais dificilmente enfrentados na sua realidade de Igreja local?

2. Quais as exigências para a formação de catequistas adultos? □

O 'sentido' que nos empenha a viver

João Paulo II: "Não tenhais medo de propor Cristo a quem ainda não o conhece. Cristo é a verdadeira resposta, a mais completa, a todas as interrogações que dizem respeito ao homem e ao seu destino. Sem Ele o homem permanece um enigma sem solução", Mensagem para a VII Jornada Mundial da Juventude, 1992, n.º 4. *Leitor*: Jesus é o 'sentido' que nos empenha a viver, o pólo de atração de nossa jornada, a raiz remota da própria estrutura ontológica do ser humano. Crer nele é garantia de vencer, viver e sobreviver (*Pe. Marcos de Lima, SDB*).

IRMÃOS LEIGOS PARA UM TEMPO NOVO

A. Torres Neiva

Acaba de aparecer um estudo sobre a identidade do Irmão nos Institutos Religiosos laicais. É um trabalho elaborado por uma equipe de Superiores Gerais da USG (União dos Superiores Gerais).

Desde há muito que se fazia sentir a necessidade de um estudo desta natureza. Na crise que afetou a Vida Religiosa pós-conciliar, a vocação do Irmão leigo foi sem dúvida uma das mais atingidas. Mais que a redução numérica foi a insegurança à volta da própria identidade que constituiu problema. Numa Igreja que, ao longo dos tempos, se foi clericalizando cada vez mais, o espaço para o Irmão leigo foi-se reduzindo, sobretudo nos Institutos em que o ministério sacerdotal era predominante.

Daí, a atualidade e a oportunidade deste trabalho que procura restituir ao Irmão leigo a sua verdadeira imagem eclesial, particularmente vocacionado para os imperativos apostólicos de tempos como o nosso.

É interessante constatar que a Vida Religiosa nasceu sob uma forma tipicamente laical. O primeiro modelo da Vida Religiosa que a História registrou é a do religioso leigo. E em certos momentos particularmente cruciais da história da Igreja e da sociedade, a Vida Religiosa laical emerge de novo com o grande espaço criativo de uma Igreja atenta aos apelos e aos gritos de cada época.

De fato, o sacramento-fonte da Vida Religiosa é o Batismo. A Vida Religiosa situa-se mais na vivência do sacerdócio batismal do que na do sacerdócio ordenado. O estado laical revela mais que qualquer outro a gratuidade e a transparência da consagração religiosa. Como diz o P. Kolvenbach, em momentos de crise, se os religiosos-padres se podem refugiar no sacerdócio, para os leigos não há alternativa: ou viver totalmente a sua vocação religiosa ou renunciar a ela.

Assim, recuperar a imagem do leigo consagrado é sem dúvida lançar luz sobre a verdadeira dimensão da Vida Religiosa como tal.

O que faz antes de mais nada o Irmão leigo é a sua consagração.

Artigo publicado na Revista portuguesa Vida Consagrada, Março 1992, p. 81-83, no editorial.

É nessa vertente que se tem de procurar a sua primordial identidade. O chamamento que o Senhor lhe faz é antes de mais nada para o seguir a Ele, na plena entrega de todo o seu ser. A experiência de Deus é a primeira novidade da sua vocação. E é desta fidelidade-fonte que brotam todas as outras fidelidades. É nesta intuição de fé que encontrarão eco todos os apelos do mundo.

A opção profissional e todos os ministérios que ele por ventura venha a assumir nascerão desta fidelidade ao Espírito que o convocou para o serviço do seu Reino. O seu ministério situa-se assim na linha do seu ser consagrado e tem de fato conteúdo eclesial. Não é um ministério supletivo ou complementar do ministério sacerdotal. A promoção dos ministérios laicais não está em função da escassez dos ministérios ordenados, mas é a expressão da vocação ministerial de toda a Igreja.

Para os Irmãos, o exercício dos ministérios tem geralmente a sua geografia num espaço profissional. Geralmente, este espaço profissional é a sua fronteira de missão.

João Paulo II, na Sessão Plenária da Congregação dos Religiosos e Institutos Seculares de 24 de Janeiro de 1986, diz que "este estilo de vida religiosa continua a ser hoje um dos mais adaptados aos novos desafios apostólicos que a proclamação da mensagem evangélica deve afrontar hoje". E a comissão dos Superiores Gerais que preparou este estudo sobre a identidade do Irmão leigo, aponta alguns desafios que abrem um espaço novo para os Irmãos do nosso tempo:

— o mundo dos jovens, que hoje constituem mais de metade da população da humanidade e que João Paulo II aponta como espaço privilegiado para a missão do nosso tempo (R.M.37);

— a abertura às necessidades e urgências do Terceiro Mundo;

— as situações de pobreza e carência que estão na origem de migrações em massa;

— o mundo da marginalidade, da solidão, da terceira idade, dos doentes e dos dependentes;

— o mundo da inadaptação, da dependência e da desumanização

— o mundo da violência e das migrações: os oprimidos, os refugiados, os imigrantes;

— o espaço familiar com a sua rede de problemas que desarticulam e desestabilizam a comunidade familiar e o tecido social;

— a ajuda aos pais em dificuldade na sua tarefa educativa, sobretudo nos momentos de mudança e crise de valores;

— a busca de um regime escolar adaptado aos diferentes ambientes;

— a alfabetização das classes desfavorecidas e a educação especializada...

Não terá chegado o momento para uma nova arrancada da vocação do Irmão leigo? □

CRB — XVI
ASSEMBLÉIA GERAL

Os Superiores Maiores, ou seja, Superiores Gerais, Provinciais e seus equivalentes, se reúnem em Assembléia Geral de 27 a 31 de julho, em São Paulo, SP.

Pe. Marcos de Lima, SDB
Rio de Janeiro, RJ

— *O que é a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB)?*

Uma sociedade civil, conforme o direito brasileiro, e um organismo de direito pontifício, conforme o direito canônico, com a finalidade de *promover e animar* a Vida Religiosa e *coordenar* as atividades que objetivam este fim. Neste âmbito, tem-se revelado uma instituição que não produz retórica mas gera fatos e mantém a iniciativa.

— *O resultado desta promoção e animação não será uma Vida Religiosa homogênea?*

Sim, em termos de fidelidade aos elementos teológicos que constituem, criam, instituem, configuram, estabelecem e estruturam a Vida Religiosa. No Brasil, pela presença e ação da CRB, vive-se a riqueza dialética da diversidade e das diferenças na expressão da Vida Religiosa sem se transigir com o ideal da unidade em tudo o que se define como constitutivo teológico de sua natureza. Em sua tarefa de promover e animar a Vida Religiosa, essencial para a CRB é ser espaço de unidade e comunhão entre todos. É permitir a todos uma participação responsável, ativa e ampla. A tônica recai sempre sobre a consistência de grandes princípios: carismas diferenciados, porém, convergentes, o dinamismo da comunhão, o desafio do pluralismo sempre benéfico para os indivíduos e as instituições.

— *O que é a Vida Religiosa que a CRB quer promover e animar?*

Essencialmente, do ponto de vista da teologia, *uma experiência cristã* de Deus realizada, a um só tempo, nos limites do horizonte individual

e como parte viva de uma *comunidade apostólica,* pessoa e comunidade que levam avante a *evangelização,* ou seja, proclamar sem pausa, sem complexos, sem atenuações, o REINO de Deus e o DEUS do Reino e suas exigências. Dar prioridade, isto é, primazia e precedência a esta dimensão teologal da Vida Religiosa sobre ser plena realização pessoal cristã — a busca da santificação pessoal — é o maior serviço, em ordem à missão, que se pode prestar à Igreja, às Congregações e à Sociedade.

— *Tem certeza disso?*

Como não? Certeza absoluta. É *santidade,* um processo contínuo e progressivo de abertura à ação de Deus, de identificação crescente, afetiva e efetiva, da própria vida com Jesus Cristo, a tarefa, por excelência, que a CRB empreende e patrocina em sua promoção e animação da Vida Religiosa. É por cima deste meridiano — a santificação pessoal — que passam e definem todas as outras questões. É isto que faz do Religioso parte excelente da Igreja, sinal preclaro do Reino, para arraigá-lo e robustecê-lo nas pessoas e nas instituições. É a santidade que coloca o Religioso na primeira fileira entre os operários da vinha.

— *E a opção pelos pobres?*

A evangelização dos pobres, parte integrante da Vida Religiosa, é sinal do Reino e de autenticidade da ação da Igreja. No entanto, sem uma profunda experiência cristã de Deus, a opção pelos pobres é um chavão sonoro que não leva a parte alguma. Pode ser apenas reiteração enfadonha e cediça de sentimentos postiços de falsa solidariedade. Não se pode responder, de modo adequado, aos que sofrem no mundo e nem às aspirações religiosas de toda a família humana, sem profunda experiência cristã de Deus. O Religioso não é portador de uma "philia" pagã excludente, mas do "agapé" cristão, da caridade cristã universal, cuja natureza e modo de ser só se entende à luz do amor do Pai a seu Filho e do amor do Filho aos seus discípulos. A experiência cristã de Deus é a verdadeira fonte do amor operoso ao próximo.

— *A CRB, então, não se preocupa com o FAZER do Religioso?*

A CRB privilegia o SER mas não o dissocia do FAZER. Não alimenta uma utopia desligada da realidade e cevada de idéias feitas. A função vertical e a horizontal, a ação e a contemplação, Deus e o homem, a realidade presente e a cidade futura, o temporal e intemporal, são dimensões indissociáveis. Há uma unidade profunda entre o plano salvífico de Deus, realizado em Jesus Cristo, e as aspirações do homem, entre a história da salvação e a história humana. Só uma delas não resolve. O refúgio exclusivo no calor afetivo da experiência espiritual pode revelar o vazio de uma experiência artificial. Não se isola do mundo sem se

tornar estéril. A fé transcende as situações sociais, mas estas lhe conferem um conteúdo. Cristo encontrado na oração se prolonga no serviço ao irmão. Só o ativismo social, o eficientismo que saqueia a pessoa, não resolve também. É espaço de fuga aberto pelo temor de encontrar-se com as significações mais profundas e exigentes da vida.

— *E, então, o que faz a CRB?*

Deus nos fez uma unidade substancial de elementos vitalmente interrelacionados "ad intra" e "ad extra". Fatores fundidos sem se confundirem. Realidades que não se excluem, de difícil manejo, das quais surge uma tensão ineludível, sem particular alquimia para integrá-las. Dentro da possibilidade das limitações humanas e institucionais, a ação da CRB visa articular, com competência, ambos os elementos "ad intra" e "ad extra". Num programa hábil, busca uma adequação irreversível e radical desta totalidade humana à totalidade absoluta de Deus. Viver um modo espiritual de ser dinâmico.

— *A CRB é questionada?*

A CRB vive exclusivamente para suas finalidades fundacionais. Nenhuma instituição pode sobreviver se seus membros questionam o objetivo central de sua existência ou a sinceridade das boas intenções de seus associados e dirigentes. A sobrevivência inquestionada da CRB está fundada na sua identificação com os princípios e as idéias que a tornaram representativa das aspirações de todos os Religiosos do Brasil. Para isso escolheu a linguagem que melhor convém: a fidelidade a Jesus Cristo.

— *De que recursos vive a CRB?*

Do resultado de suas atividades, de doações de terceiros e da solidariedade dos Religiosos e das Religiosas. Nenhuma instituição pode sobreviver se os seus membros se recusam a compartilhar, com eqüidade, o ônus financeiro do bem coletivo.

— *Na CRB vige a centralização ou a descentralização?*

As atividades que implementam as finalidades fundacionais da CRB estão REGIONALIZADAS integralmente com repasse de atribuições e decisões. Assim, todos os Religiosos são convocados a se integrarem em alguma das 18 Regionais da CRB. Não se trata, no entanto, de uma descentralização total, pois no desequilíbrio regional do Brasil há lugar destacado para uma supervisão nacional para que a boa vontade não mergulhe na inocência e na ignorância. Um controle absoluto e uma centralização rígida são exercício de abstração e de inutilidade, mas uma costura de planos e projetos, a nível nacional, é uma necessidade. Respeitar a variedade pois o balanço está se movendo a favor da regionalização. □

CONFERÊNCIA
DOS RELIGIOSOS
DO BRASIL: CRB NACIONAL

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4.º andar / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299
20031 Rio de Janeiro, RJ

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
1 de maio de 1992

A evangelização dos pobres, a opção preferencial por eles, parte integrante da Vida Religiosa, é sinal do Reino e de autenticidade da ação da Igreja. No entanto, sem uma profunda experiência cristã de Deus, a opção pelos pobres é um **chavão sonoro** que não leva a parte alguma. Pode ser apenas reiteração enfadonha e cediça de sentimentos postiços de falsa solidariedade. **Delírio utópico. Esvazia e desnatura a fraternidade.** Não se pode responder, de modo adequado, aos que sofrem no mundo e nem às aspirações religiosas de toda a família humana, sem profunda experiência cristã de Deus. O Religioso não é mero portador de uma 'philia' pagã excludente, mas do 'agapé' cristão, a caridade universal cuja natureza e modo de ser só se entende à luz do amor do Pai a seu Filho e do amor do Filho aos seus discípulos. A experiência cristã de Deus é a verdadeira fonte de amor operoso ao próximo.

Nem tudo, porém, é ouro sobre azul. Nem tudo é linear, simples, óbvio elementar. Há muito semitom e meia-luz. Há um desafio sem precedentes para quem deseja realizar hoje a caridade cristã. Uma tarefa que exige reflexão nova e versatilidade. A relação entre o mandamento supremo do amor e a ordem social tomada em toda a sua complexidade é uma **área essencialmente dialética, de atrito, confronto e conflito**. Uma caridade pessoal e pastoralmente eficiente não se satisfaz com o aprofundamento do mistério de Deus em si mesmo. Nem aceita vinculá-lo com o mistério de um homem abstrato. A caridade exige hoje unir o mistério de Deus ao mistério do homem com suas vicissitudes e situações concretas, reais, históricas. Anunciar um evangelho de amor sem implicações sociais é esvaziá-lo de sua força. Amor abstrato é ateísmo prático.

Para a vivência da caridade em nível pessoal e pastoral, urge perscrutar, com precisão, o contexto histórico-social nas suas evoluções sempre mais aceleradas. Sentir a mudança dos ventos. A caridade não permite permanecermos estáticos. **Não se isola do mundo sem se tornar estéril.** A fé transcende as situações sociais, mas estas lhe conferem um conteúdo peculiar que ilumina os horizontes da caridade, dando a ambiência correspondente aos valores novos positivos e identificando os desvios e perigos também. A Nova Evangelização, tema recorrente em todas as latitudes, compromete-nos a **aprofundar a dimensão social da caridade**, ou seja, a prática cristã do amor, o testemunho de vida, a tradução em comportamento na existência cotidiana daquilo que se crê, a síntese entre a vida e a fé, entre os valores culturais e os princípios evangélicos. Evangelização não é uma palavra que diz coisas. É um fato já realizado e atuante. É expressão da verdade feita. Antes de ser transmissão de mensagem verbal é concretização existencial. A caridade cristã, feita de atitudes práticas, é o melhor instrumento de evangelização e de educação na fé. É seu instrumento imprescindível. É garantia de início de uma época histórica diferente.

Uma Vida Religiosa insensível aos problemas das maiorias, à tragédia do pecado social, é radicalmente incapaz de evangelizar hoje. A atitude preferencial do Religioso há de ter entranhas de misericórdia para quem sofre os desvalores do Reino. Foi assim que Jesus revelou o íntimo mais profundo do Deus do Reino. O testemunho é a linguagem que o mundo mais entende e mais espera de nós. **Testemunho, questão de transparência não de aparência.** É o serviço fraterno — doar-se até doer — que nos faz mais próximos de Deus, sem jamais exaurir-nos. Dia e noite. Todos os dias. Todas as noites. Sem fim de semana. Tive fome... tive sede... era forasteiro... estive doente... estive nu... preso... Contingências da vida de cada dia: comida, bebida, hospitalidade, saúde, roupa, liberdade... **Amor em palavras é vão.** Aqui está o concreto da fé que ilumina e metamorfoseia a dimensão social da caridade: a salvação pela satisfação de necessidades concretas.

Experiência cristã de Deus. Opção preferencial pelos pobres. Expressões interdependentes. Realidades que não se excluem. Tensão ineludível a urgir uma adequação irreversível. **Só Deus pode dizer-nos onde ele está** para ser experimentado. Uma espiritualidade que levasse a desatender o mundo dos pobres, sua situação de injustiça institucionalizada, o cotidiano inclemente das maiorias, seria uma fuga em direção a um deus imaginário.

DEUS, de quem todo **DOM** perfeito provém, o abençoe e o guarde são e salvo; volva para Você o seu rosto de olhar sereno e lhe conceda a **PAZ** que é serenidade e coragem. **MARIA**, Mãe de Deus e nossa, também, intervenha por nós. Amém. Com estima e afeto no Senhor,

atenciosamente

PE. MARCOS DE LIMA, SDB
Redator-Responsável /Convergência